

NANCY SAPORTA STERNBACH  
MARYSA NAVARRO-ARANGUREN  
PATRICIA CHUCHRYK  
SONIA E. ALVAREZ<sup>1</sup>

# Feministas na América Latina: de Bogotá a San Bernardo<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Pusemos nossos nomes em ordem alfabética invertida. Esta ordem de modo algum reflete a importância das contribuições individuais. Gostaríamos de agradecer à seguinte colaboração: Fundo Kirkland e Bolsa Picker (Sternbach) da Fundação Tinker; Fundo de Pesquisa do Corpo Docente de Dartmouth e Fundo John Sloan Dickey para Pesquisa Internacional (Navarro-Aranguren), Fundo de Pesquisa do Corpo Docente da Universidade de Lethbridge e Conselho de Pesquisa de Ciências Sociais e Humanas do Isolation Fund (Chuchryk) Canadá; e Fundo de Viagem UC-MEXUS (Alvarez). Alvarez e Navarro gostariam de agradecer a Pat Sanders e Gail Varnazza, respectivamente, por sua colaboração na elaboração do manuscrito. Alvarez também gostaria de agradecer a Judit Moschkovich por suas valiosas sugestões. Além disso, as autoras agradecem muito aos leitores anônimos da *Signs* por seus comentários.

<sup>2</sup> A publicação em português deste artigo, originalmente *Feminists in Latin America: from Bogotá to San Bernardo* (*Signs* 17, 2, 1992), foi graciosamente autorizada pelas autoras e pela University of Chicago Press, que detém todos os direitos.

Na última década, as estudiosas feministas norte-americanas e euro-ocidentais têm tomado cada vez mais consciência das mulheres latino-americanas e seu ativismo político. Contudo, essa consciência de modo algum dissipou a idéia antes predominante nos Estados Unidos de que as latino-americanas não se consideram feministas, idéia recentemente reforçada por textos que se encaixam mais no domínio da literatura “de testemunho” e da pesquisa centrada na participação de mulheres em movimentos rurais e lutas de libertação nacional e não no feminismo<sup>3</sup>. Além disso, ouve-se muitas vezes as feministas norte-americanas comentarem que “o feminismo não serve à América Latina”, comentário que em nossa opinião reflete o desconhecimento da realidade contemporânea das mulheres latino-americanas<sup>4</sup>. Como revelou pesquisa recente, e como vamos mostrar neste artigo, o feminismo não só serve à América Latina, mas também está aqui o tipo de movimento social florescente, de ampla base, como outros movimentos feministas aspiram vir a ser.

A suposição de que as mulheres latino-americanas não se definem como feministas reflete ironicamente a postura adotada por grande parte da esquerda latino-americana em meados da década de 70, quando se ouviram os primeiros rumores de vozes feministas de segunda leva. Naquela época, as feministas latino-americanas eram descartadas como mulheres de classe média alta, interessadas em problemas irrelevantes para a vasta maioria das mulheres da região. Alguns latino-americanos, tanto homens quanto mulheres, argumentavam que a ausência de um movimento de proporções continentais não era de surpreender, porque o feminismo era produto de contradições existentes nos países altamente desenvolvidos, mas não nas sociedades subdesenvolvidas. Outros diziam que era desnecessário

<sup>3</sup> Para exemplos de literatura de testemunho, ver CHUNGARA, Domitilia Barrios (com Moema Viezzer). *Let Me Speak!* Nova Iorque: Monthly Review Press, 1978, BURGOS-DEBRAY, Elizabeth (ed.), WRIGHT, Ann (trad.) *I Rigoberta Menchú an indian woman in Guatemala*. Londres, Verso, 1984, e RANDALL, Margaret e YANZ, Lynda (ed.) *Sandino's Daughters* Vancouver: New Start, 1981

<sup>4</sup> BLOCH, Jayne *The Women Outside the Gates* *Progressive* 12, p. 18, dezembro de 1985

<sup>5</sup> Ver os argumentos sugeridos em MATTELART, Michèle *Chile, the feminine version of the coup d'état*. In: NASH, June e SAFA, Helen (ed.), *Sex and Class in Latin America* Brooklyn, Bergin, 1980, p. 279-301, e CRUMMETT, María. *El Poder Femenino the mobilization of women against socialism in Chile*. *Latin America Perspectives* 4, outono, 1977, p. 103-13

<sup>6</sup> Usamos o plural *femenismos* - como fazem as próprias feministas latino-americanas - pois a América Latina e o Caribe são compostos de vários países, raças e classes distintos, e portanto várias interpretações da realidade. No contexto latino-americano e caribenho, o feminismo varia de país para país. Quando falarmos dessas diversas interpretações do feminismo, vamos nos referir a elas como "feministas".

um movimento de liberação feminina, pois só se podia conquistar a liberação através do socialismo, e este, uma vez firmemente estabelecido, eliminaria a opressão das mulheres. E todos concordavam com a idéia amplamente defendida de que as feministas latino-americanas eram grupinhos de pequeno-burguesas desligados da realidade do continente, mulheres que haviam adotado de maneira inconsciente uma moda, como outras haviam feito em relação ao *jeans* ou à *minissaia*, sem compreender que fazendo isso "le hacían el juego al imperialismo yanqui" (eram instrumentos do imperialismo americano). No Chile, alguns setores da esquerda afirmavam mesmo que El Poder Femenino, organização de mulheres direitistas que participou da derrubada do governo democrático de Salvador Allende, era um movimento feminista<sup>5</sup>.

Na última década, entretanto, os movimentos feministas - ou *femenismos* - latino-americanos têm crescido de modo consistente e sofrido profundas transformações, surgindo hoje como o centro de debates internacionais feministas. Em alguns casos, esses movimentos desafiaram continuamente regimes opressivos (por exemplo, Chile); em outros, conseguiram reconhecimento de seus governos (Nicarágua, Brasil). Em outros ainda, as lutas combinadas das mulheres e do povo (Honduras, El Salvador e Guatemala) nos dão novas definições do que é ser feminista.

Neste artigo, esboçamos um quadro geral da trajetória política dos feminismos<sup>6</sup> latino-americanos durante as décadas de 70 e 80. É difícil, senão arriscado, claro, fazer generalizações ao se discutir qualquer fenômeno sócio-político em países de uma região tão diversificada quanto a América Latina. Mas aqui, por objetivos heurísticos e analíticos, vamos estudar o desenvolvimento feminista na América Latina e no Caribe como um todo, examinando os *Encuentros* feministas de toda a região convocados bianualmente desde 1981. Realizados em Bogotá, Colômbia (1981), Lima, Peru (1983), Bertioga, Brasil (1985), Cidade do México (1987) e San Bernardo, Argentina (1990), esses encontros podem servir de marcos históricos, destacando os debates-chave estratégicos, organizacionais e teóricos que caracterizaram a trajetória política das feministas latino-americanas contemporâneas.

Com a participação, igualmente, de ativistas feministas de base e profissionais liberais de toda a América Latina e Caribe, os *Encuentros* têm proporcionado fóruns críticos nos quais as participantes podem compartilhar experiências e avaliar o progresso de seus respectivos países em relação a um movimento continental. Uma olhada de perto nas principais questões e

debates manifestos durante cada um desses *Encuentros* nos possibilitará observar o panorama das feministas contemporâneas na região latino-americana, embora em termos muito gerais.

Os países latino-americanos são assolados por crises econômicas e políticas. Em todos os países, os grupos feministas têm de fazer esforços heróicos para permanecer à tona organizacionalmente, em meio a dívidas nacionais estonteantes, planos de dolorosa austeridade e mudanças políticas dramáticas. Nesse contexto, os *Encuentros* proporcionam às ativistas feministas fóruns periódicos em que podem adquirir intuições teóricas e estratégicas, além de apoio fraternal de feministas de outros países que lutam para superar condições organizacionais e teóricas análogas. Além disso, os problemas essenciais debatidos em cada um dos *Encuentros* tiveram repercussões significativas dentro de grupos do movimento nos países participantes, algumas vezes trazendo para o primeiro plano e mesmo desarmando potenciais de conflito ideológico e organizacional antes de eclodirem num determinado cenário nacional. A decisão de concentrar nossa análise nos *Encuentros*, portanto, origina-se da crença, compartilhada por muitas feministas da América Latina, de que esses encontros regionais têm sido cruciais para o desenvolvimento da teoria e prática feministas latino-americanas. Documentos de *Encuentros* têm sido amplamente disseminados por toda a região. Embora nem todas as questões suscitadas e as lutas ideológicas travadas nos *Encuentros* tenham correlatos precisos em todos os contextos nacionais, eles serviram de plataforma para o desenvolvimento de uma linguagem política feminista latino-americana comum e de palcos para disputas políticas muitas vezes contenciosas sobre o que seriam as estratégias mais eficazes para se alcançar igualdade de gênero em países dependentes, capitalistas e patriarcais.

A análise apresentada neste artigo também aproveita nossas próprias experiências como latino-americanistas e feministas que pesquisaram movimentos de mulheres em pelo menos seis países latino-americanos. Todas nós nos envolvemos em pelo menos dois *Encuentros* feministas latino-americanos; duas de nós participaram de três, e uma compareceu a todos os cinco. Somos uma norte-americana, uma basco-hispano-latino-americana, uma canadense e uma latino-cubana. Embora cada uma de nós sinta que experimentou a riqueza e a diversidade do feminismo latino-americano individualmente, a extensão de nossa experiência coletiva nos motivou a escrever este artigo. Também tentamos incluir algumas das perspectivas de centenas de latino-americanas com as quais conversamos e

<sup>7</sup> Para uma discussão abrangente dos debates teóricos predominantes em torno das origens e dinâmicas dos regimes autoritários na América Latina, durante as décadas de 60 e 70, ver COLLIER, David (ed.). *The New Authoritarianism in Latin America*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1979.

<sup>8</sup> O mais sofisticado tratamento teórico deste aspecto do governo militar pode ser encontrado na obra de KIRKWOOD, Julieta; ver especialmente *La formación de la conciencia feminista en Chile. Materia de Discusión 7*. Santiago. Programa de Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO), 1980, Chile. *La mujer en la formulación política Documento de Trabajo 109* Santiago Programa FLACSO, 1981, *El feminismo como negación del autoritarismo. Materia de Discusión 52* Santiago Programa FLACSO, 1983, *Ser político en Chile las feministas y los partidos*. Santiago: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, 1986; e *Feminarias* Santiago: Ediciones Documentos, 1987; e CRISPI, Patricia. *Tejiendo rebeldías escritas feministas de Julieta Kirkwood* Santiago: Centro de Estudios de la Mujer y La Morada, 1987; D'ÁVILA NETO, Maria Inácia. *O Autoritarismo e a Mulher. o jogo da dominação macho-fêmea no Brasil*. Rio de Janeiro Achiamê, 1980. D'Ávila Neto examina neste texto algumas das dimensões psicossociais da relação entre autoritarismo e a subordinação das mulheres. Para uma análise da ideologia sexual e política de estados militaristas nos diferentes contextos nacionais, ver TORNARÍA, Carmen *Women's Involvement in the Democratic Process in Uruguay* In ISIS International

trabalhamos ao longo destes anos - mulheres que se definem como feministas. Coletivamente, representamos as ciências sociais e humanas, uma colaboração que oferece um método singularmente interdisciplinar à nossa compreensão e discussão dos feminismos latino-americanos. Nós ensinamos Literatura, História, Sociologia, Ciência Política, estudos latino-americanos e estudos femininos. Todas nós ensinamos e escrevemos regularmente sobre mulheres latino-americanas.

O objetivo deste artigo não é apenas traçar o progresso dos feminismos latino-americanos nas últimas décadas, mas também desfazer o mito de que as mulheres latino-americanas não se definem como feministas. Pela nossa observação, o modelo latino-americano não apenas é único em sua organização de mulheres, mas também armazenou uma base política que poderia, e sem dúvida deveria, ser objeto de inveja de feministas em toda parte.

As perguntas que formulamos são: que é que distingue os feminismos latino-americanos? E o que podemos aprender deles? Para contextualizar a discussão dos próprios *Encuentros*, começamos com um breve panorama do surgimento e desenvolvimento inicial dos feminismos na América Latina.

### **A gênese dos feminismos de fins do século XX na América Latina**

Paradoxalmente, o feminismo surgiu durante uma das mais sombrias décadas na história latino-americana. Nos anos 70 (como, em alguns casos, nos 60), tanto os regimes militares quanto as democracias nominais esmagaram os movimentos progressistas de toda espécie, "desapareceram" milhares de pessoas e desencadearam o aparelho repressivo do Estado sobre a sociedade civil - tudo em nome da segurança nacional. As feministas contemporâneas na América Latina nasceram, portanto, como movimentos intrinsecamente de oposição.

Assim, a partir do momento em que surgiram os primeiros grupos feministas, em meados da década de 70, muitas feministas latino-americanas não apenas desafiavam o patriarcado e seu paradigma de dominação machista - o estado militarista ou contra-insurgente - mas também juntavam forças com outras correntes de oposição, ao denunciarem a exploração e a opressão social, econômica e política. Assim, as realidades tanto da repressão do Estado quanto da luta de classes foram instrumentais para moldar uma prática feminista latino-americana diferente da dos movimentos feministas em outros lugares. Por exemplo, desde o início as feministas nos países governados por regimes militares denunciaram os fundamentos patriarcais da repressão, do militarismo

(ed.), *The Latin America Women's Movement. reflections and actions.* Roma/Santiago. ISIS International, 1986, BUNSTER-BUROTTO, Ximena. Watch Out for the Little Nazi Man That All of Us Have Inside: the mobilization and demobilization of women in militarized Chile. *Women's Studies International Forum* 5 (2), verão de 1988, p. 485-91, VALENZUELA, María Elena. *Todas Íbamos a Ser Reinas la mujer en Chile y América* Santiago: Ediciones Chile y América, 1987, e CHUCHRYK, Patricia. Protest, Politics and Personal Life the emergence of feminism in a military dictatorship, Chile 1973-1983 Ph D. diss., New York University, 1984, especialmente cap. 3 e 4

<sup>9</sup> Citada em CHUCHRYK, P., op. cit., p. 320 Ver também VALENZUELA, María Elena. El Fundamento Militar de la Dominación Patriarcal en Chile Trabalho apresentado na Segunda Conferência Chilena de Sociología, Santiago, agosto de 1986, onde a autora argumenta que o Estado militar chileno é a expressão quintessencial da patriarquia. Ela estabelece semelhanças entre a autoridade militar sobre a sociedade civil e a dominação masculina sobre as mulheres.

<sup>10</sup> Ver especialmente BUNSTER-BUROTTO, Ximena *Surviving Beyond Fear. women and torture in Latin America* In: NASH, June e SAFA, Helen (ed.), *Women and Change in Latin America.* South Hadley, Mass.: Bergin & Garvey, 1985, p. 297-325.

<sup>11</sup> Sobre os movimentos peruanos, ver BARRIG, Maruja *O Difícil Equilíbrio entre Pão e Rosas: organizações femininas e a transição da ditadura para a democracia no Peru.* in: JAQUETTE, Jane S. (ed),

e da violência institucionalizada do Estado, posição aos poucos adotada mais generalizadamente por feministas latino-americanas.

Enquanto os analistas masculinos enfatizavam as determinantes culturais ou econômicas da militarização do governo civil e o entrincheiramento das ditaduras militares na década de 70<sup>7</sup>, as feministas argumentavam que essa política também tinha raízes nos fundamentos das relações patriarcais, na chamada esfera privada: a família, relações homem/mulher e a opressão sexual das mulheres<sup>8</sup>. O autoritarismo, proclamavam as feministas, representava "a forma mais elevada" da opressão patriarcal. Como declarou uma feminista latino-americana, referindo-se ao Chile: "A Junta, com um sentido muito claro dos seus interesses, entendeu que devia reforçar a família tradicional e o papel dependente das mulheres, que é reduzido ao de mãe. A ditadura, que institucionaliza a desigualdade social, é fundamentada na desigualdade na família"<sup>9</sup>.

Tanto sob o governo militar quanto sob o civil, os conceitos tradicionais dos papéis das mulheres e os apaixonados apelos aos "valores da família cristã ocidental" estavam, na verdade, no âmago da ideologia da segurança nacional, da contra-insurgência e da política social recessiva. Mas um grande abismo separava o discurso do Estado sobre gênero e família da realidade das vidas femininas. Enquanto o discurso oficial exaltava as virtudes da condição tradicional das mulheres, a política econômica regressiva impelia milhares de mulheres à força de trabalho. Além disso, as vítimas femininas da repressão do Estado eram violadas sexualmente, humilhadas de modo brutal e submetidas à depreciação, fato que dificilmente se harmonizava com a exaltação ideológica militar da feminilidade e sua encarnação quintessencial, a maternidade<sup>10</sup>. No final da década de 70, em países governados por civis e militares igualmente, políticas sociais reacionárias provocaram generalizados movimentos de oposição; mulheres de todas as classes sociais desafiaram sua exclusão histórica das coisas políticas e uniram-se à oposição em números sem precedentes. No Peru, no início da década de 80, por exemplo, as mulheres da classe operária estavam na vanguarda das lutas rurais de base, que contestavam cada vez mais a política econômica e social do governo do conservador civil Belaúnde Terry<sup>11</sup>. Do mesmo modo, durante a década de 70, nos militarmente governados Argentina, Chile, Uruguai e Brasil, as mulheres ingressaram maciçamente na guerra pela democracia e sua participação nas lutas pelos direitos humanos foi internacionalmente conhecida<sup>12</sup>.

Na primeira parte da década de 70, pelo menos,

*The Women's Movement in Latin America: feminism and the transition to democracy.* Boston: Unwin Hyman, 1989, p. 114-48. VARGAS, Virginia. *Movimiento Femenista en el Perú. balance y perspectivas* In *Década de la Mujer: conversatorio sobre Nairobi* Lima, Centro Flora Tristán, 1985, e *El Aporte a la Rebelión de las Mujeres.* In *Coordinación de Grupos de las Jornadas Femenistas* (ed.), *Jornadas Femenistas: feminismo y sectores populares en América Latina.* México, D F: Eletrocomp, 1987, p. 213-39. VELASCO, J Anderson. *The U. N. Decade for Women in Peru* *Women's Studies International Forum* 2 (8), 1985, p. 107-9. BOURQUE, Susan C. *Urban Activists: paths to political consciousness in Peru.* In: BOURQUE, Susan C. e DIVINE, Donna C. (ed.), *Women Living Change* Filadélfia: Temple University Press, 1985, p. 25-56; e ANDREAS, Carol *When Women Rebel: the rise of popular feminism in Peru.* Westport, Conn.: Lawrence Hill, 1985

<sup>12</sup> Sobre o Uruguai, ver PERELLI, Carina *Putting Conservatism to Good Use: women and unorthodox politics in Uruguay, from breakdown to transition* In: JAQUETTE, J. S. op. cit., p. 95-113, VILLAMIL, Silvia Rodríguez e SAPRIZA, Graciela. *Mulher e Estado no Uruguai do século XX.* *Revista das Ciências Sociais* 2 (1), 1987, p. 209-19; TORNARÍA, C., op. cit.; e *Uruguay* *Coordinación de Grupos Organizadores de las Jornadas Femenistas* (ed.), op. cit., p. 241-48. Sobre a Argentina, ver FEIJÓO, María del Carmen *El Movimiento de Mujeres* In: JELIN, Elizabeth (ed.), *Los Nuevos Movimientos Sociales* Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985, e *The Challenge of Constructing Civilian Peace: women and democracy in*

grande parte da oposição à democracia oligárquica e ao autoritarismo militar vinha da esquerda do espectro político. Como na América do Norte (Canadá e Estados Unidos) e na Europa Ocidental, então, o feminismo de segunda leva na América Latina nasceu da "Nova Esquerda"<sup>13</sup>. Mas, como a oposição progressista era dominada pelo machismo e sua prática sexista, as mulheres e "seus problemas" eram invariavelmente relegadas a uma posição secundária nos movimentos progressistas e revolucionários. A consciência feminista foi assim alimentada por múltiplas contradições experimentadas por mulheres ativas nos movimentos guerrilheiros ou organizações militantes, obrigadas a se exilar, e envolvidas em movimentos estudantis ou organizações acadêmicas politizadas e partidos políticos progressistas<sup>14</sup>. O protótipo da ativista feminista latino-americana inicial em muitos países era uma ex-militante estudantil radical ou *guerrillera*, e dificilmente uma "dama" burguesa obcecada consigo mesma, como muitos da esquerda nos faziam acreditar. Contudo, ao contrário das feministas radicais norte-americanas, as latino-americanas mantiveram firme o compromisso com a mudança radical nas relações sociais de produção - e de reprodução - enquanto continuavam a combater o sexismo no seio da esquerda. Isto é, embora o feminismo em muitos países tenha rompido organizacionalmente com a esquerda, não o fez de modo tão completo ideologicamente.

A aliança com os setores progressistas da oposição, ainda que apreensiva, no melhor dos casos, era essencial à viabilidade do projeto feminista. Em países governados por regimes exclusivistas e repressivos (pouco dispostos a concessões a movimentos em busca de mudança progressista de qualquer tipo), as feministas só encontrariam espaço político na luta oposicionista mais ampla. Muitas das primeiras feministas agiam clandestinamente; algumas foram formadas como grupos de "frente" para a oposição de esquerda; outras evitavam o termo "feminista" constituindo "associações de mulheres" e refugiando-se na crença antiga em que tudo o que as mulheres fazem é "por natureza" apolítico, e portanto menos ameaçador para a "segurança nacional". À medida que as crises e cortes na assistência social ameaçavam a própria sobrevivência das classes populares da América Latina, muitas feministas uniram-se à esquerda, buscando soluções para o empobrecimento absoluto da vasta maioria da população da região.

O legado da esquerda exerceu enorme influência no feminismo durante os primeiros anos do movimento, uma herança que levou as primeiras feministas a privilegiar a luta de classes sobre a de gênero e, na tradição

Argentina In JAQUETTE, J. S (ed.), op. cit., p. 72-94, e CHESTER, Silvia. The Women's Movement in Argentina. balance and strategies. In: ISIS International (ed.), op. cit. Sobre movimentos de mulheres chilenos, ver CHUCHRYK, Patricia M Feminist Anti-authoritarian Politics: the role of women's organizations in the Chilean transition to democracy In: JAQUETTE, J. S. (ed.), op. cit., p. 149-84, KIRKWOOD, J. *Ser Política en Chile e Feminarios* Sobre o Brasil, ver a discussão do *Encuentro* de Bertioiga, neste artigo

<sup>13</sup> O caso da Argentina é a exceção que prova a regra. Lá, o feminismo surgiu sobretudo de profissionais liberais, e não necessariamente de mulheres envolvidas com a esquerda

<sup>14</sup> Para uma discussão comparativa do surgimento e desenvolvimento dos movimentos de mulheres no Peru, Chile, Argentina, Uruguai e Brasil, ver JAQUETTE, J. S (ed.), op. cit. Ver também FLORA, Cornelia Butler. *Socialist Feminism in Latin America Women and Politics* 1 (4), inverno de 1984, p. 69-93 Sobre as contradições sofridas por mulheres ativas nas organizações militantes, ver BRITO, Angela Neves-Xavier de *Mulheres Brasileiras no Exílio* uma busca de identidade. *Latin American Perspectives* 2 (13), primavera de 1986, p. 58-80.

<sup>15</sup> Para a abordagem comparativa mais abrangente do movimento de mulheres, ver JELIN, Elizabeth (ed.). *Women and Social Change in Latin America*. Geneva: United Nations Research Institute for Social Development (UNRISD) Londres Zed Books, 1990

<sup>16</sup> Sobre o importante papel das organizações pelos

marxista, a concentrar-se no trabalho feminino e na integração ou incorporação das mulheres no mundo público de política e produção. O legado guevarista/leninista também as levou a se verem como a vanguarda do que viria a se tornar um movimento de mulheres revolucionário, com base nas massas e interclasses.

A "retaguarda", neste panorama, viria a ser formada por centenas de grupos de mulheres da classe operária que então proliferavam em grande parte da América Latina<sup>15</sup>. As crises econômicas levaram as mulheres da classe operária a desenvolver criativas estratégias de sobrevivência coletiva. Muitas vezes sob a tutela da Igreja Católica e da esquerda masculina, formaram-se grupos de mulheres em nível de bairro para prover as necessidades básicas da vida, uma responsabilidade consistente com os papéis femininos tradicionalmente definidos. Dentro de suas responsabilidades socialmente atribuídas como esposas, mães e provedoras da família e da comunidade, as mulheres assumiram a liderança nas estratégias de resistência do cotidiano das classes populares da América Latina. Em cada país da região, elas têm participado de modo desproporcional em movimentos para assegurar melhores serviços urbanos, protestar contra o aumento do custo de vida e assegurar assistência médica e educação a seus filhos. A tortura, os desaparecimentos e outras formas de repressão política também uniram mulheres de todas as classes sociais na organização de movimentos pelos direitos humanos<sup>16</sup>.

Na América Latina, esses dois movimentos são comumente chamados de *movimientos de mujeres* ou *movimientos femeninos*<sup>17</sup>. As feministas latino-americanas contemporâneas, portanto, formam apenas uma parte de um movimento maior de mulheres, multifacetado, social e politicamente heterogêneo. E, na maioria dos países latino-americanos, as feministas deram inicialmente maior prioridade ao trabalho com operárias pobres ativas nesse movimento mais amplo, ajudando-as a organizar lutas comunitárias de sobrevivência, fomentando ao mesmo tempo a consciência de como os papéis sexuais moldavam seu ativismo político.

Por receio de alienar essa base de massa potencial, muitas das primeiras feministas evitavam fazer trabalho político sobre questões como sexualidade, reprodução, violência contra mulheres ou relações de poder na família, ou mesmo discuti-las. Outro impedimento era o temor de perder a legitimidade aos olhos de seus camaradas de luta "macho-leninistas". Na opinião desses camaradas, havia apenas dois tipos de feminismo: o bom, que privilegiava a luta de classes e podia por meio disso assumir seu lugar "de direito" nas fileiras da oposição; e

direitos humanos na transição da Argentina do governo autoritário, ver SONDERÉUER, María Aparición con Vida: el movimiento de los derechos humanos en la Argentina. In JELIN, E (ed.), *Los Nuevos Movimientos Sociales*, op. cit., p 7-32; NAVARRO, Marysa The Personal Is Political las madres de Plaza de Mayo. In: ECKSTEIN, Susan (ed.), *Power and Popular Protest: latin american social movements* Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1989, p. 241-58. No Chile, ver CHUCHRYK, Patricia M., *Subversive Mothers: the women's opposition to the military regime in Chile*. In: CHARLTON, Sue Ellen M., EVERETT, Jane, e STAUDT, Kathleen (ed.), *Women, the State, and Development* Albany, SUNY Press, 1989, p. 130-51

<sup>17</sup> Uma distinção entre organizações de movimentos de mulheres "femininos" e "feministas" é comumente feita tanto pelas participantes do movimento quanto por cientistas sociais na América Latina. Paul Singer esclarece o uso desses conceitos. "As lutas contra o aumento do custo de vida respectivo às escolas, creches etc., assim como medidas específicas para proteger mulheres que trabalham interessam intimamente às mulheres e é possível considerá-las reivindicações *femininas*. Mas não são *feministas* na medida em que não questionam o modo pelo qual se inserem as mulheres no contexto social". O Feminino e o Feminismo. In: SINGER, Paul e BRANT, V. C. (ed.), *São Paulo. o povo em movimento*. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 116-17. Sobre movimentos femininos ou os *movimientos de mujeres*, ver ANDREAS, C., op. cit., SCHMINK, Marianna. Women in Brazilian Abertura Politics. *Signs. Journal of Women in Culture and Society* 1 (7), outono de 1981, p. 115-34; e

um ruim, supostamente "mais um exemplo do imperialismo ideológico" - um feminismo importado, burguês, de ódio ao homem, que não tinha nenhum espaço na América Latina<sup>18</sup>.

Ainda hoje, em muitas organizações populares de mulheres ligadas à Igreja Católica progressista da esquerda, elas são continuamente advertidas contra a adoção de crenças feministas "ruins", como o direito ao aborto e à livre determinação sexual, vistas como intrinsecamente burguesas e prováveis "divisoras" da luta unida da classe operária. É significativo, portanto, que muitos grupos de mulheres da zona rural sejam subvencionados ou controlados pela Igreja ou pela esquerda, enquanto, junto com a mídia, religiosos e ativistas masculinos seculares tergiversam e deturpam o sentido e o caráter do feminismo, muitas vezes obstruindo deliberadamente o desenvolvimento de uma consciência sexual crítica entre as participantes dos *movimientos de mujeres*. Isto, em muitos casos, explica a reticência de mulheres nessas organizações a incorporar o rótulo de feminista, mesmo quando comungam crenças feministas. Ou seja, essa relutância não é um resultado "natural" de suas posições de classe.

Em parte como resposta a seus interlocutores esquerdistas, as feministas na região tiveram o cuidado de enfatizar a dimensão especificamente latino-americana de suas bandeiras. O problema da saúde da mulher, por exemplo, não é uma questão de controlar o corpo de alguém; as feministas latino-americanas insistem em que também inclui a compreensão de como as organizações internacionais e empresas multinacionais determinam as políticas de saúde e de população nacionais em seus países. Quanto à campanha contra a violência sexual, esta deve ter uma dimensão diferente na América Latina, pois em muitos países as prisioneiras políticas têm sido sistematicamente submetidas à tortura sexual<sup>19</sup>.

Além disso, muitas feministas latino-americanas vêem seu movimento como parte da luta do continente contra o imperialismo. Como explicou uma feminista, o imperialismo controla a "reprodução biológica que favorece os interesses políticos e econômicos (do imperialismo) na América Latina, por sua necessidade de preservar o trabalho doméstico para a reprodução material e a sobrevivência de todo o sistema"<sup>20</sup>. Contudo, nem todos os grupos aderem com entusiasmo à posição anti-imperialista, nem os membros fazem questão de chamar-se socialista-feministas.

Na América Latina, como em outras partes, o feminismo assumiu uma ampla variedade de formas organizacionais e combate à opressão feminina em toda a gama de arenas políticas, econômicas e culturais

JELIN, Elizabeth (ed.)  
*Ciudadanía e Identidad las mujeres en los movimientos sociales latinoamericanos*.  
Genebra: UNRISD, 1987.

<sup>18</sup> Esta distinção entre feminismos "bom" e "ruim" é elaborada em GOLDBERG, Anette. Feminismo em Regime Autoritário: a experiência do movimento de mulheres no Rio de Janeiro. Trabalho apresentado no 12º Congresso Mundial da Associação Internacional de Ciência Política, Rio de Janeiro, 9-14/08/1982, p 10-11. Trechos da discussão seguinte extraídos de ALVAREZ, Sonia E.. *Engendering Democracy in Brazil: women's movements in transition politics*. Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1990, especialmente cap. 3-5

<sup>19</sup> Ver PARTNOY, Alicia. *The Little School: tales of disappearance and survival in Argentina*. São Francisco: Cleis Press, 1986; *Nunca Más: a report by Argentina's National Commission on Disappeared People*. Londres: Faber & Faber, 1986, e BUNSTER-BUROTTO, X. *Surviving beyond Fear*, op. cit

<sup>20</sup> As citações textuais neste artigo baseiam-se em entrevistas conduzidas pelas quatro co-autoras. Quando não aparece nenhuma citação, os leitores devem presumir que essas observações são dos *Encuentros*

em que está embutida a dominação patriarcal. Mas também aqui o distintivo contexto latino-americano, de dependência e exploração econômicas e repressão política, deu origem a projetos centrados na interseção de opressão sexual e outras formas mais locais de exploração e dominação. No Brasil, por exemplo, as primeiras organizações feministas contemporâneas só davam uma atenção mínima às atividades "voltadas para dentro" - como a conscientização - tão essenciais para as primeiras feministas nos Estados Unidos e na Europa. Durante grande parte da década de 70, ao contrário, as feministas brasileiras concentraram muito de suas energias nas atividades "voltadas para fora", numa tentativa de disseminar a mensagem feminista a mulheres das classes populares, para ligar o feminismo a outras forças progressistas e relacionar as lutas das mulheres à luta da sociedade contra o governo militar. As feministas publicavam jornais femininos colocados à disposição dos grupos de operárias da periferia urbana; colaboravam estreitamente com as mulheres no movimento pelos direitos humanos e nas lutas de sobrevivência comunitária; organizavam congressos femininos para recrutar um número cada vez maior de mulheres para a causa feminista; e promoviam ativamente a organização de mulheres das classes populares.

Com o tempo, as feministas descobriram pelo menos dois motivos para contestar o conceito de feminismos bom e ruim da esquerda. Primeiro, ao trabalhar com mulheres das classes populares, ficaram sabendo que as chamadas questões-tabu, como sexualidade, reprodução ou violência contra mulheres, eram interessantes e importantes para as mulheres das classes populares - tão cruciais para a sobrevivência delas quanto as questões "pão-com-manteiga", enfatizadas pela oposição masculina. Na verdade, como se tornará amplamente evidente em nossa discussão dos *Encuentros*, muitas operárias, negras e índias na América Latina reivindicavam o rótulo de feminista - recusando-se a aceitar a tergiversação da esquerda masculina de seu sentido como outra forma de opressão colonialista - e hoje insistem em que o feminismo não é inerentemente burguês ou ocidental, nem intrinsecamente divisor da luta do povo. Agindo assim, expandiram os parâmetros da teoria e prática feministas.

Enquanto as fileiras do feminismo aumentavam e o movimento criava uma identidade política distinta da esquerda revolucionária dominada pelo homem, as feministas foram empreendendo atividades cada vez mais objetivas ou especializadas, centradas não só no trabalho com o *movimiento de mujeres*, mas também aprofundando uma visão de política, cultura e sociedade

especificamente baseada no gênero sexual. O número de revistas, coletivos de cinema e vídeos, centros de mulheres agredidas e vítimas de estupro, coletivos de saúde feministas, grupos de direitos das lésbicas e outros projetos feministas baseados no gênero expandiu-se constantemente na década de 1980.

Enquanto os partidos tentavam manipular as organizações de mulheres pela imposição de seus programas políticos aos movimentos, e a esquerda continuava insistindo em que o sexismo “desapareceria após a Revolução”, as feministas em muitos países descobriram um segundo motivo para contestar a idéia de que a luta de gênero era inerentemente divisora. Argumentando que os partidos dominados por homens buscavam instrumentalizar e dirigir as lutas das mulheres, a crítica à esquerda das feministas se tornou cada vez mais objetiva.

As feministas latino-americanas começaram por redefinir e expandir o conceito predominante de luta revolucionária, conclamando a uma revolução na vida diária, afirmando que uma transformação social radical tem de abranger mudanças não apenas nas relações de classe, mas igualmente nas de poder. Algumas foram denunciando cada vez mais os estilos hierárquicos, leninistas ou trotsquistas de “fazer política”, típicos dos grupos revolucionários dominados por homens em muitos países, e insistindo em formas mais participativas, democráticas, de buscar a mudança social radical.

Nesse contexto, os *Encuentros* regionais têm proporcionado fóruns críticos para os debates do movimento sobre a evolução da política feminista e as relações do movimento com a luta global por justiça social na América Latina. Mas as feministas que participaram do primeiro *Encuentro* em Bogotá dificilmente poderiam ter sabido o que iria ocorrer. Foi mais o sentimento de isolamento político em seu país, associado ao desejo de traçar um caminho político autônomo, que levou as colombianas a convocarem um encontro, em âmbito regional, de ativistas feministas.

### **Os *Encuentros* latino-americanos e caribenhos**

#### *Bogotá*

Em julho de 1981, mais de duzentas feministas latino-americanas, representando cerca de cinquenta organizações, reuniram-se durante quatro dias em Bogotá, Colômbia, no primeiro encontro continental desse tipo desde os primeiros anos do século. Na mesma hora, o mapa feminista da América Latina ampliou-se, tanto literal quanto metaforicamente. Ao término do primeiro dia, as paredes estavam cobertas

<sup>21</sup> NAVARRO, Marysa. First Feminist Meeting of Latin America and the Caribbean. *Signs* 1 (8), outono de 1982, p. 154-57

de poemas, proclamações, informação sobre organizações, anúncios, cartazes descrevendo as condições das mulheres em vários países, e um grande mapa da América Latina no qual as participantes escreveram os nomes das organizações em seus países<sup>21</sup>. Segundo o pronunciamento das feministas latino-americanas feito na Conferência de Meados da Década das Nações Unidas, em Copenhague (julho de 1980), o objetivo do *Encuentro* era oferecer às latino-americanas “engajadas na prática feminista” a oportunidade de “trocar experiências e opiniões, identificar problemas e avaliar diferentes práticas, assim como planejar tarefas e projetos para o futuro”. Embora essa definição tenha servido para caracterizar todos os cinco *Encuentros*, o eixo principal das discussões no encontro de Bogotá foi o conflito histórico com a esquerda masculina.

A notícia do *Encuentro* de Bogotá espalhou-se pelas emergentes redes feministas internacionais, alcançando sobretudo mulheres brancas de classe média e educação universitária. As mulheres do *movimiento de mujeres* estiveram em grande parte ausentes dos debates críticos que se seguiram sobre a relação correta do feminismo com a luta revolucionária, pois as esferas de feminismos e *movimientos* ainda não se haviam colgado politicamente em escala regional. Estiveram representados os seguintes países: México, República Dominicana, Porto Rico, Panamá, Curaçao, Venezuela, Equador, Peru, Chile, Brasil, Argentina e, claro, Colômbia. Algumas participantes eram jovens universitárias; outras, organizadoras mais velhas, das classes operárias. Eram arquitetas, médicas, professoras, advogadas, funcionárias públicas, trabalhadoras rurais, poetas e cineastas. Vinham dos centros de mulheres agredidas, organizações camponesas, grupos de pesquisa, mulheres que trabalhavam nas favelas das grandes cidades da América Latina, em coletivos de cinema e revistas feministas. Algumas estavam ativas nos movimentos desde o início dos anos 70; uma colombiana até participou em seu país da campanha pelo voto feminino de 1954; outras só recentemente haviam encontrado o feminismo, nunca tendo participado de um encontro feminista; muitas haviam sido membros de partidos políticos de esquerda, mas os tinham abandonado ao descobrirem o feminismo; e um número substancial, embora não a maioria, era de feministas que ainda continuavam membros ativos de partidos de esquerda.

Com exceção das colombianas, que tinham representantes de Bogotá e outras cidades, a delegação maior - 16 mulheres - vinha da República Dominicana. A taxa de inscrição, US\$50 para as latino-americanas e US\$80 para todas as outras, incluía as despesas dos

quatro dias. Embora a conferência tenha sido concebida para latino-americanas, admitiram-se algumas “estrangeiras”: duas do Canadá, três dos Estados Unidos e uma dezena da Europa (Espanha, Itália, França, Suíça, Holanda e Alemanha). Outras, em exílio forçado por governos repressivos, também participaram.

Essa histórica reunião de âmbito regional era em si o resultado de um prolongado e conflituoso processo organizacional, caracterizado por divergências e acalorados debates dentro de um grupo fisicamente heterogêneo - embora, em termos sociais, relativamente homogêneo - de colombianas de classe média e instruídas<sup>22</sup>. Essas discussões e confrontos repercutiram em outros países e no planejamento dos encontros regionais posteriores, e assim uma apreciação detalhada da organização desse primeiro *Encuentro* proporcionará um amplo mapa dos debates que delimitaram concepções radicalmente diferentes sobre a luta de gênero na América Latina e Caribe na última década.

Nas principais cidades colombianas onde as feministas eram ativas, formaram-se coletivos para fazer o planejamento do *Encuentro*. Em Bogotá, surgiu um desses coletivos, compreendendo *independientes* (mulheres que não pertenciam a nenhum grupo particular), membros de organizações feministas (o Círculo de Mujeres, Mujeres en la Lucha e El Grupo), assim como feministas pertencentes a partidos políticos - o Partido Socialista de los Trabajadores (PST, socialista) e o Partido Socialista Revolucionário (PSR, trotsquista). Todos os coletivos se reuniram a 19 e 20 de abril em Sopó, Cundinamarca, para coordenar seus trabalhos, e resolveram que o *Encuentro* se realizaria em dezembro de 1980. Além de ser aberto a feministas, também seria *amplio* (de ampla base). Os temas a serem discutidos seriam: feminismo e luta política; sexualidade e vida diária; mulheres e trabalho; comunicação e cultura<sup>23</sup>.

Apesar desses primeiros acordos, a definição da conferência, que já provocara longas e acaloradas discussões entre feministas militantes ou políticas (ativistas de partidos de esquerda) e independentes ou autônomas nos vários coletivos, estava longe de ser estabelecida: persistia o debate sobre quem deveria participar do encontro. Deveria ser aberto a mulheres pertencentes a todos os tipos de grupos femininos (*amplio*) ou restrito às autoproclamadas feministas? Deveriam convidar as participantes para o encontro em base individual ou deveriam elas participar como representantes de partidos políticos ou organizações? Essas questões eram vitais, em vista dos conflitos com mulheres não feministas e homens na esquerda. As feministas independentes ou não partidárias evitavam o que consideravam posições

<sup>22</sup> Na realidade, foi um grupo de feministas venezuelanas, La Conjura, que pensou pela primeira vez em organizar um *Encuentro*, em agosto de 1979. Foi só depois de ter ficado clara a impossibilidade de elas o realizarem que as colombianas assumiram o desafio.

<sup>23</sup> Ver NAVARRO, Marysa E. Primer Encuentro de Latinoamérica y el Caribe. In: LEÓN, Magdalena (ed.), *Sociedad, Subordinación y Femenismo*. Bogotá. Asociación Colombiana de Estudios Populares, 1982, p. 309-18

representativas falsas, enquanto as filiadas aos partidos e sindicatos tradicionais preferiam um congresso mais estruturado, formal. As feministas independentes também temiam que as "mulheres de partidos" Impusessem ao encontro suas palavras de ordem sectárias, insistissem na discussão do papel da mulher na revolução e desviassem as participantes de discussões de problemas que uma revolução não feminista não abarcaria - problemas essenciais à organização feminista, como direitos de reprodução ou violência doméstica. Como as desavenças estavam paralisando a preparação do *Encuentro*, o comitê da coordenadoria de Cálli, composto sobretudo de militantes, ou políticas, convocou uma reunião nacional para acertar as questões - esperava-se - definitivamente.

Antes de participar do encontro nacional, contudo, o coletivo de Bogotá reuniu-se a 21 de agosto de 1980 e decidiu patrocinar uma conferência de mulheres latino-americanas engajadas na prática feminista; além disso, decidiu que as participantes atuariam como indivíduos, representando mais a si mesmas que organizações ou partidos. A decisão foi apoiada até pelos três membros do PSR (trotsquistas) do coletivo, também membros da coordenadoria.

Em Cáli, a assembléia votou por abrir o encontro a todas as mulheres "engajadas na luta por sua liberação" e tornar a representação das organizações e partidos políticos a base da participação. A votação em Cáli desfez a precária aliança entre *políticas* e *feministas*. As coordenadoras de Medellín e Bogotá (com exceção das três membros do PSR) recusaram-se a honrar a decisão.

Seguiram-se acusações e recriminações, enquanto o *Encuentro*, ainda a ser realizado em dezembro, permanecia impreparado. Em outubro, a coordenadoria de Cáli convocou outra reunião, com a presença de representantes de apenas quatro cidades, e decidiu cancelar a conferência. Àquela altura, a coordenadoria de Bogotá resolveu agir e organizar um *Encuentro* a realizar-se de 16 a 19 de julho de 1981.

As divisões entre **militantes** e **feministas** se exarcebaram quando se negou a entrada de um grupo de *políticas* no *Encuentro* de fato, uma recusa que elas se negaram a aceitar. Enquanto a primeira manhã se passou ouvindo-se as duas versões do confronto, o sectarismo e as recriminações acabaram sendo deixados de lado. Em todos os quatro dias prevaleceu um extraordinário espírito de conciliação: o fato de que o *Encuentro* finalmente ia realizar-se pôs tudo o mais à sombra.

Na sessão mais amplamente concorrida, Feminismo e Luta Política, as participantes concordaram em discutir três tópicos considerados os mais relevantes

para as feministas latino-americanas: a autonomia (independência política ideológica e organizacional) do movimento feminista; dupla militância, ou participação simultânea e compromissos duplos, com um partido político e o feminismo; e feminismo e imperialismo. As questões em discussão variaram de como ampliar, fortalecer e aprofundar a participação das mulheres dos setores populares, até a forma de fato que deveria assumir um *Encuentro* e as condições específicas da prática política feminista na América Latina. O debate caótico e muitas vezes acalorado concentrou-se em dois dos três pontos: autonomia e *doble militancia*. Embora as participantes concordassem em alguns princípios básicos, como por exemplo a existência da desigualdade sexual, divergiram muitíssimo quanto às estratégias que as feministas deviam adotar para acabar com a opressão de gênero.

Todas as participantes concordaram em que as mulheres sofrem uma opressão específica, que se torna particularmente aguda nas classes mais exploradas. As mulheres, portanto, precisam articular-se e lutar por suas exigências específicas: o fim da dupla jornada, pagamento igual por trabalho igual, direito de trabalhar, direito de fazer aborto e "maternidad libre y voluntaria"<sup>24</sup>. Além disso, as participantes admitiram que essas exigências não haviam sido até então incluídas nas plataformas de partidos.

Além desses pontos de acordo, surgiram duas posições identificáveis que dividiram as ativistas do movimento, independentemente do país de origem, classe ou *status* de educação. Todas as "delegações" nacionais incluíam mulheres que aderiam a uma ou a outra posição.

A primeira posição defendia que nem o capitalismo nem o socialismo isolado podem eliminar a opressão das mulheres, e que, em consequência, as exigências específicas das mulheres têm de ser articuladas num movimento externo e independente de todos os partidos existentes. Para as que defendiam essa posição, o feminismo representava um novo projeto revolucionário, a primeira alternativa para a transformação total das relações sociais opressivas na América Latina. Quanto à questão da *doble militancia*, essas feministas começaram redefinindo a dicotomia convencional entre feminismo e militância política, ativismo político. Rejeitaram o uso do nome militantes ou políticas em oposição a feministas, porque viam o feminismo como uma prática política legítima e abrangente. Por isso, as feministas deviam concentrar seu trabalho político básica, senão exclusivamente, em suas próprias organizações feministas: as estruturas sexistas dos partidos políticos, assim como os conflitos que surgem dentro dessas estruturas quando se

<sup>24</sup> "Maternidad libre y voluntaria" corresponde ao nosso "cada filho um filho desejado" (N. T.)

suscitam questões feministas, tornam a *doble militancia* extremamente difícil na prática. Essas mulheres estavam desencantadas com as estratégias manipulativas da esquerda e censuravam publicamente suas concepções androcêntricas do agente revolucionário privilegiado, a classe operária (masculina). Entretanto, algumas defenderam a possibilidade de estabelecer alianças com partidos políticos em busca de metas específicas.

As que defenderam a segunda posição proposta no *Encuentro* de Bogotá insistiam em que o feminismo em si e por si talvez não fosse um projeto revolucionário. Devido ao seu compromisso básico com o socialismo, elas argumentavam que o feminismo não devia ser separado do partido, mas ter autonomia orgânica naquela estrutura. Os objetivos das feministas, sob este ponto de vista, não deviam separar-se dos da classe operária e de sua luta para acabar com a opressão de classe. Encaravam a *doble militancia* como um problema falso e, embora admitindo que ser feminista num partido político apresentava dificuldades práticas, acreditavam que essas dificuldades não eram insuperáveis.

No último dia do *Encuentro*, o plenário ouviu relatos das várias sessões e tomou inúmeras resoluções, que iam de manifestações concretas de solidariedade a mulheres de países específicos (Chile, Colômbia, Guatemala e as Mães da Plaza de Mayo, da Argentina), e com lutas nacionais específicas (Nicarágua e El Salvador), a questões mais gerais, como pagamento igual por trabalho igual, direitos de reprodução, cuidado de crianças, melhoria educacional e direito ao trabalho. Numa resolução para acabar com a violência contra mulheres, as participantes declaram o dia 25 de novembro o Dia Internacional da Não Violência contra Mulheres, em memória de três dominicanas, as irmãs Miraval, assassinadas em 1960 por capangas de Trujillo. Em seguida a um retumbante voto de agradecimento às organizadoras do *Encuentro*, tomou-se, entre lágrimas e entusiásticas manifestações de solidariedade feminista internacional, a resolução final de voltarem a encontrar-se dentro de dois anos, em Lima, Peru.

Na verdade, apesar dos debates algumas vezes acirrados, foi esse entusiasmo e espírito de solidariedade alegres que fizeram do *Encuentro* de Bogotá uma experiência inesquecível para a maioria das participantes. Durante quatro dias, houve uma incessante troca e comunhão de idéias e experiências. O diálogo continuava após os *workshops* até o pátio central, cercado de risadas, poesia e dança. Isto, mais que qualquer outra coisa, representou o senso de coletividade feminista que iria tornar-se o legado de Bogotá aos futuros *Encuentros*.

Uma das mais importantes conseqüências do encontro de Bogotá foi atestar a existência de um movimento feminista de proporções continentais, embora ainda desigual em sua composição, e revelar um amplo processo de mobilização entre as latino-americanas. Contudo, como demonstraram os *Encuentros* subseqüentes, essa mobilização era informada e orientada por dois enfoques distintos da luta de gênero. O diálogo e o confronto entre as **feministas** e as **políticas** manifestados em Bogotá foram repletos de todos os conflitos e contradições que caracterizaram a maior parte da prática feminista da América Latina nas décadas de 70 e 80.

### Lima

Ninguém estava exatamente preparado para o crescimento que o movimento feminista experimentara nos dois anos desde Bogotá, quando 600 mulheres chegaram a Lima, em 1983, para participar do segundo *Encuentro*. Menos preparada ainda estava a comissão organizadora, que teve de providenciar um novo local para o *Encuentro* perto da data da reunião, porque o originalmente escolhido fora varrido por inundações.

Num esforço para promover uma política de mulheres especificamente feminina, autônoma, ou não partidária, a comissão organizadora de Lima decidiu que o segundo *Encuentro* deveria concentrar-se no **patriarcado**, tema arrojado e afinal controvertido, ainda associado ao feminismo imperialista "ruim" por muitas mulheres e homens não feministas na esquerda. Seguindo a posição adotada pela coordenadoria de Bogotá, também se decidiu que a participação no *Encuentro* devia ser em base individual, em vez de consistir de representantes delegadas de grupos e organizações. As participantes se conscientizaram política e estrategicamente de que ser feminista e trabalhar com mulheres não eram necessariamente a mesma coisa. A distinção que surgiu entre o movimento feminista e o movimento de mulheres se mostraria agudamente concretizada e problematizada nos *Encuentros* posteriores. As organizadoras preocupavam-se com que não se usasse um **feministômetro** - um metro para medir feminismo - para invalidar todos os diferentes tipos de trabalho feitos por, para e com mulheres<sup>25</sup>. Ao mesmo tempo, queriam preservar um espaço exclusivamente feminista para as ativistas feministas. Na verdade, muitas **veteranas** ou **históricas**, feministas que haviam estado presentes em Bogotá, lamentaram a ausência de um espaço feminista íntimo, com menos teoria e mais convivência. As que haviam estado em Bogotá se mostravam sobretudo nostálgicas do que ocorrera lá, dizendo ser impossível sentir e viver íntima e solidariamente com 600 mulheres.

<sup>25</sup> O termo **feministômetro** foi encontrado pela primeira vez no relatório sobre o *Encuentro* de Lima. Ver *II Encuentro Feminista Latinoamericano y del Caribe* Santiago, Chile. ISIS International, número especial da *Revista de las Mujeres*, junho de 1984, p. 7,8.

Apesar desse descontentamento, uma das mais importantes conseqüências do *Encuentro* de Lima foi o envolvimento no feminismo de grande número de mulheres que iriam se identificar com o movimento feminista como resultado de sua participação no *Encuentro*, estabelecendo portanto um padrão que viria a repetir-se nos encontros posteriores.

Mulheres de todas as partes da América Latina chegaram a El Bosque (local de férias fechado, para famílias de classe média, a cerca de 40 quilômetros de Lima) para compartilhar suas experiências como feministas, pesquisadoras, ativistas rurais, funcionárias da saúde, universitárias, organizadoras sindicais, exiladas políticas, militantes de partido, cineastas e escritoras. Embora em toda a América Latina, e em particular no Peru, os *movimientos de mujeres* tivessem crescido maciçamente no final da década de 70 e início da de 80, baixa representação visível tiveram as índias, ativistas da classe operária e mulheres dos países da América Central. Esta baixa representação refletia ou a proibitiva taxa de inscrição (US\$50) ou a situação do movimento feminista em seus respectivos países. Uma grande proporção das que participaram era, como os membros da comissão organizadora, feministas não partidárias, acadêmicas e profissionais; sua presença refletiu-se na organização e na atmosfera de todos os quatro dias do *Encuentro*.

Dezenove *workshops (talleres)* foram organizados, todos começando com "Patriarcado e..."; entre os tópicos de grande abrangência estavam saúde, Igreja, poder, sexualidade, violência contra mulheres e pesquisa feminista. Cada *workshop* tinha uma condutora especializada ou *encargada de taller*, em geral uma acadêmica, responsável pela coordenação da discussão e, em muitos casos, pela coordenação dos trabalhos a serem apresentados<sup>26</sup>. Como era de se prever, essa estrutura tinha indícios de hierarquia e elitismo para muitas participantes, e mais uma vez suscitou questões sobre forma e expressão das feministas. Onde estava o espaço para a discussão menos estruturada e a espontaneidade? Onde estava o espaço para as não intelectuais que tinham ido partilhar suas experiências nas *poblaciones, barriadas* e favelas? Onde estavam todas as mulheres dos setores populares (setores pobres e da classe operária)? Seguiram-se acalorados debates sobre se o foco no patriarcado do segundo *Encuentro* era demasiado acadêmico ou demasiado teórico, e se o formato do *workshop* impedia uma verdadeira convivência.

Apesar de certa resistência a tanta ênfase no patriarcado, Lima representou de fato um progresso em relação aos debates políticos que haviam sido formulados e articulados em Bogotá. Mais importante, as discussões

<sup>26</sup> Um documento publicado sobre o *Encuentro* de Lima relacionava 36 trabalhos apresentados. *Ibidem*, p. 149-44. Até o encontro de San Bernardo, a apresentação formal dos trabalhos tendeu a ser minimizada. Ou melhor, cada *taller* ou *workshop* torna-se um trabalho de grupo que se reúne para tratar de um único problema

em Lima, informadas pela necessidade de estabelecer uma compreensão teórica do patriarcado latino-americano em todas as suas manifestações materiais, ideológicas, culturais, lingüísticas, institucionais e sexuais, aprofundaram e fizeram avançar a análise das relações de poder de gênero e de que maneira estas se cruzavam com outras relações de poder nas sociedades da América Latina. Os debates em Bogotá que se concentraram na *dobles militancia* como estratégia política e no papel do partido político (de dominação masculina) no feminismo foram reformulados numa análise do partido político como exemplo de instituição patriarcal. Para algumas feministas latino-americanas, depois, a análise do papel do partido passou do debate sobre estratégia para o debate sobre estrutura. Além disso, o foco no patriarcado permitiu a algumas feministas latino-americanas distinguir melhor seu socialismo feminista da maneira como a esquerda tradicionalmente define a **questão feminina**. Ou seja, no segundo *Encuentro*, muitas feministas, de uma ampla gama de países, haviam começado a insistir em que o sexismo não era "resultado" do capitalismo e do imperialismo, mas antes modelado por um sistema relativamente autônomo e patriarcal de gênero sexual.

Vários *workshops* que não faziam parte do programa original representaram um significativo afastamento das compreensões marxistas convencionais sobre a questão da mulher, e assinalaram a complexidade e diversidade crescentes de lutas consideradas feministas. Por exemplo: realizaram-se *miniworkshops* sobre lesbianismo e racismo, sendo que nenhum deles teve uma condutora especialista. Com uma frequência estimada de 300 mulheres, o *miniworkshop* sobre lesbianismo teve de se mudar de uma pequena sala para um dos salões maiores. Pela primeira vez, houve uma resposta pública às exigências das lésbicas de que sua presença no feminismo latino-americano fosse reconhecida. Historicamente, esse *workshop* assinalou o surgimento da visibilidade lésbica dentro do movimento, e desafiou as feministas heterossexuais a enfrentarem sua homofobia. Para muitas, esta foi uma das conquistas mais significativas do encontro de Lima.

Do mesmo modo, o *miniworkshop* sobre racismo, embora não com presença tão maciça, ou tão publicamente visível, proporcionou um fórum para criticar a falta de espaço no *Encuentro* para enfrentar o racismo. Esse *workshop*, do qual participaram basicamente negras e índias, desafiou o encontro de Lima e os subseqüentes a tratar do racismo, não apenas levando em conta as experiências vividas por mulheres em seus variados contextos sociais, culturais e nacionais, mas também dentro do próprio movimento feminista.

Em Lima, **feministas** e **militantes** continuaram a brigar sobre quem representava os “verdadeiros” interesses de mulheres da classe operária. Tanto as do movimento de mulheres quanto as que se consideravam feministas, embora ativas em partidos da esquerda, estavam entre as participantes. Como em Bogotá, as diferenças ideológicas e de classe manifestaram-se nas discussões sobre a estrutura, conteúdo e custo do *Encuentro*. Muitas das participantes insistiram em que as organizadoras da conferência não tinham dado bastante assistência às participantes do *movimiento de mujeres* do Peru, e que problemas essenciais às vidas dessas mulheres não estavam sendo discutidos. Outras ainda destacaram que as organizadoras haviam suposto que todas as feministas eram da classe média e teriam condições de pagar a taxa de inscrição.

Embora o *Encuentro* representasse avanços importantes na articulação das feministas latino-americanas, estabeleceu ao mesmo tempo uma estrutura na qual alguns problemas difíceis pudessem ressurgir mais tarde. A análise do patriarcado e das relações de poder de gênero, por exemplo, deu um novo contexto para o diálogo entre feministas e militantes, assim como a discussão da estratégia feminista. A participação das que trabalhavam com mulheres, mas não se definiam necessariamente como feministas, estabeleceu o cenário para a futura conceitualização, dentro do movimento feminista, do movimento de mulheres. O plenário final produziu um diálogo muitas vezes lacrimoso, envolvendo o relacionamento entre feministas e militantes, que em algumas mulheres evocou um anseio nostálgico da solidariedade em que terminara o *Encuentro* em Bogotá. Em essência, as participantes de Lima sentiram que o problema não era repetir Bogotá, mas antes questionar porque as **históricas** achavam tão necessário reproduzir o que ocorrera lá. Em retrospecto, o descontentamento com o *Encuentro* de Lima e a crítica a sua estrutura foram precursores adequados para o *Encuentro* seguinte, em Bertioiga, que, embora bem organizado, se baseou não na estrutura, mas na **auto-gestão**<sup>27</sup>.

### Bertioiga

Na terceira vez que as feministas se reuniram (em julho de 1985, no momento mesmo em que a Década da ONU se encerrava em Nairóbi), havia um clima de expectativa em relação à chegada das mulheres. Cerca de 900 compareceram ao *Encuentro* de Bertioiga, uma colônia de férias pouco conhecida e pertencente a um sindicato, no litoral brasileiro. O número de participantes mais uma vez surpreendeu e alegrou a todas as envolvidas. As organizadoras brasileiras proporcionaram um espaço físico

<sup>27</sup> Auto-gestão significa uma forma livre ou espontânea que permitiria às participantes organizar e criar seus próprios *talleres* sob um impulso do momento. Deve-se salientar que, apesar de sua ênfase na auto-gestão, o *Encuentro* de Bertioiga foi estruturado e organizado

<sup>28</sup> Sobre o movimento feminista brasileiro e as questões que ele politizou, ver ALVAREZ, S. *Engendering Democracy in Brazil*, op. cit., Ver também SARTI, Cynthia. *The Panorama of Brazilian Feminism*. *New Left Review* 173, janeiro/fevereiro 1989, MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Mulheres em Movimento*. São Paulo: Nobel/CEFC (Conselho Estadual da Condição Feminina), 1985, p. 75-90, GOLDBERG, Anette. *Os Movimentos de Liberação das Mulheres na França e na Itália (1970-1980)*. primeiros elementos para um estudo comparativo do novo feminismo na Europa e no Brasil in: LUZ, M. T. (ed.), *O Lugar da Mulher*. Rio de Janeiro Graal, 1982, e PINHEIRO, Ana Alice Costa *Avances y Definiciones del Movimiento Femenista en el Brasil*. Tese de mestrado, Colégio de México, 1981, e ALVES, Branca Moreira e PITANGUY, Jacqueline *O Que é Feminismo?* São Paulo Brasiliense, 1981.

<sup>29</sup> Para uma explicação mais detalhada dessa série polarizante de eventos, ver MOSCHKOVICH, Judith N., CORA, Maria e ALVAREZ, Sonia E. *Our Feminisms. Connections: An International Women's Quarterly* 19, inverno 1986, p. 16-18

<sup>30</sup> Sobre a formação dos conflitos há muito existentes entre o movimento feminista e a esquerda sectária brasileira, ver ALVAREZ, Sonia E. *Women's Movements and Gender Politics in the Brazilian Transition*, em JAQUETTE, J. S. (ed.), op. cit., p. 28-71.

que a maioria das participantes visitara apenas em sonhos - com palmeiras, ruas abertas, arejadas, uma praia - e que tinha muitos locais para encontros espontâneos e não estruturados. Parecia que nada poderia dar errado. Quando as participantes se olharam viram entre as feministas latino-americanas uma extraordinária diversidade cultural, étnica e política até então apenas imaginada.

Na verdade, na época do *Encuentro* do Brasil, o feminismo latino-americano tornara-se de fato independente, política e culturalmente. As feministas buscavam suas metas numa ampla variedade de espaços institucionais e extra-institucionais - de ministérios governamentais a sindicatos, centros de saúde alternativos e coletivos lésbico-feministas.

As quase 400 brasileiras presentes personificavam a ampla gama de ideologias e atividades entre as auto-proclamadas feministas de meados da década de 80. As brasileiras tinham criado o que talvez fosse o maior, mais radical, mais diversificado e mais politicamente influente movimento feminista na América Latina. Seus Encontros regionais e nacionais, sua experiência com eleições e partidos políticos e sua visibilidade na política nacional fizeram do movimento brasileiro ao mesmo tempo a inveja e, em certa medida, o modelo dos movimentos feministas latino-americanos<sup>28</sup>. Talvez por isso, o que aconteceu no encontro do Brasil não apenas deixou muitas participantes perplexas, porém, mais importante, também exacerbou as tensões existentes entre militantes e feministas, e entre feminismos e o movimento de mulheres.

No primeiro dia, um ônibus lotado de mulheres das favelas do Rio de Janeiro chegou ao local da conferência de Bertioga. O ônibus era uma cortesia do Lion's Club do Rio (conhecido por suas ligações com o partido político então dominante no Estado); as mulheres pediram para ser admitidas no *Encuentro*, embora não tivessem o dinheiro para pagar as taxas de inscrição. Condizente com o *Encuentro* anterior, a taxa de inscrição de US\$60 era proibitiva para a vasta maioria das mulheres latino-americanas<sup>29</sup>. A maior parte das mulheres era negra, e todas pobres, e as participantes brasileiras desconfiaram que elas estavam sendo manipuladas por líderes políticos no Rio, que em ocasiões anteriores haviam solapado o movimento feminista. Defensoras de outra hipótese afirmavam que o Lion's Club estava tentando angariar o voto das faveladas, oferecendo o ônibus. Algumas feministas insistiram em que os partidos sectários da esquerda haviam organizado a chegada das faveladas, numa tentativa de desacreditar o movimento feminista como elitista, burguês e, portanto, divisor da luta da classe operária<sup>30</sup>.

As opiniões das participantes sobre a admissão das faveladas tornaram-se muito polarizadas. O comitê organizador (brasileiras) adotou a posição de que as regras eram iguais para todos; isto é, ninguém podia entrar sem pagar a taxa de inscrição. Tentaram assegurar às participantes dos outros países que sua posição era formulada mais em relação à suspeita de manipulação partidária do que como uma resposta às mulheres no ônibus, com quem simpatizavam.

As organizadoras insistiram em que qualquer pessoa não brasileira teria dificuldades para entender as complexidades da política brasileira. Os partidos políticos sectários haviam repetidas vezes desfeito encontros nacionais e regionais feministas no Brasil, durante o início da década de 80. O incidente do ônibus, afirmavam muitas presentes, era apenas mais uma manifestação das incansáveis e insidiosas tentativas partidárias de manipular, desacreditar e distorcer a política feminista. Observaram que as organizadoras do Encontro do Brasil tinham financiado uma centena de bolsas de estudo para brasileiras sem condições de pagar a taxa de inscrição, e que o grupo que ora protestava no portão recebera cinco dessas bolsas. Muitas das centenas de participantes pobres e da classe operária do movimento de mulheres do Brasil argumentaram que seus grupos haviam levantado fundos para participar e se candidatado às bolsas de estudo. A maioria concordou que era incorreto e politicamente manipulativo as mulheres no ônibus insistirem em ser admitidas àquela data tardia. Mas lá estavam 23 mulheres, acampadas fora dos portões do *Encuentro*, recusando-se a ir embora enquanto não admitidas como grupo, e criando com isso um espaço separado e distinto para as que desejassem conversar com elas. Muitas participantes o fizeram.

Imediatamente, pareceu que se traçavam linhas de combate: entre as que apoiavam a decisão das organizadoras e as que a ela se opunham. A primeira posição defendia que permitir a participação das mulheres constituiria uma capitulação diante da manipulação partidária, equivalente a admitir que o feminismo era na verdade um movimento elitista, e que as organizadoras não haviam feito nenhuma tentativa para incluir mulheres da classe operária no *Encuentro* - apesar de mulheres pobres e da classe operária estarem presentes em número muito maior que nos dois encontros anteriores, e muitas delas se proclamarem feministas com orgulho. As que não apoiavam a decisão das organizadoras formaram um grupo politicamente heterogêneo. Algumas eram militantes, que encaravam o incidente do ônibus como uma oportunidade de agitar as paixões de uma longa década de debate sobre se gênero ou classe era o mais

importante para as mulheres latino-americanas. Outras eram membros de recém-criados coletivos feministas negros, argumentando que barrar as faveladas do *Encuentro* simbolizava o racismo que impregnava o feminismo brasileiro. Outras, ainda, pretas, brancas, mestiças, da classe operária e média, insistiam em que se deveria permitir a participação das mulheres do ônibus no *Encuentro*, quando nada para neutralizar a cobertura negativa da imprensa imediatamente gerada, e prosseguir com o encontro segundo os planos.

As implicações dessas divisões políticas entre participantes informaram grande parte da discussão nos dias seguintes. Embora algumas argumentassem que as organizadoras “demonstraram grande coragem em sua decisão”, outras questionavam se era realmente corajoso negar entrada às faveladas; outras ainda achavam que agir assim significava um suicídio político feminista, e ia provocar um grande escândalo na mídia, sobretudo na imprensa, sempre em busca do feminismo “maligno”, e com isso desacreditar o movimento. Algumas mulheres juraram jamais participar de outro *Encuentro*; outras passaram noites insones redigindo documentos ou *press-releases* em solidariedade, às faveladas ou ao comitê organizador. Fora o fato de se ter negado a entrada às faveladas, o aspecto mais lastimável do incidente foi que as discussões se concentraram mais no ônibus (quem o enviara e por que motivos?) e na admissão ou não de suas passageiras do que nas implicações de raça e classe para o movimento suscitadas por sua presença. No final do *Encuentro*, o problema continuava sem solução.

Entretanto, o *Encuentro* prosseguiu. Sobretudo porque nem todas as participantes estavam igualmente perturbadas pelo problema do ônibus. Elas tinham vindo a um *Encuentro* e um *Encuentro* era o que planejavam ter. O próprio espaço físico favorecia a espontaneidade entre as participantes, proporcionando ao mesmo tempo intimidade (para segredos compartilhados) e amplidão (para estimular passeios). Todas as presentes estavam contaminadas pelo estilo do feminismo brasileiro, que parecia infundir em tudo uma certa bossa e bravata. Em retrospecto, muitas feministas latino-americanas, sobretudo as que não haviam estado em Bogotá, lembram de Bertioga como o *Encuentro* mais imaginativo e criativo, o mais descontraído, com o número perfeito de participantes, e no cenário ideal. Ali, as duas nicaragüenses que compareceram ajudaram a concentrar a atenção no significado político da interseção de feminismo e lutas revolucionárias. Igualmente significativo foi o fato de as lésbicas, tomadas visíveis no *Encuentro* de Lima, agora preferirem reunir-se em sessões próprias e fechadas, quando dois anos antes discutir lesbianismo

era praticamente um tabu. Em vez de ter de explicar sua existência às heterossexuais, as lésbicas agora podiam politizar uma identidade lésbica. As mulheres não se reuniam apenas por preferência sexual, mas também por país, profissão, tempo de envolvimento no movimento, classe, raça, idade, religião, e por outras características que parecessem identificar um grupo. Repetidas vezes as feministas descobriram ter contrapartes em outros países. O *Encuentro* de Bertioiga deu às participantes uma aguda consciência do crescimento do movimento e da concomitante diversidade que ele criara; poucas suspeitavam que Bertioiga fosse apenas um prelúdio para o próximo *Encuentro*, no México.

### Taxco

Até hoje ninguém sabe exatamente a que atribuir a presença de mais de 1.500 mulheres no quarto *Encuentro*, realizado em Taxco, no estado de Guerrero, México, em outubro de 1987: à perfeição da rede feminista da região; à localização geográfica estratégica do México; à publicidade sem precedentes na imprensa feminista; à habilidade organizacional mais finamente desenvolvida de mulheres dos países mais distantes; ou, mais simplesmente, à expansão geométrica do ativismo feminista em toda a região desde meados da década de 80.

Pela primeira vez, mulheres de todos os países da América Central e do Sul, e do Caribe de língua espanhola, estiveram presentes. Apesar das distâncias enormes e dos desastres econômicos de seus países, foi surpreendente que mais de 150 mulheres viessem só do Cone Sul (Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai). Embora se esperasse significativa presença de mulheres de países de mais longo histórico de luta feminista (Peru e Brasil), foi notável a participação sem precedentes de centenas de centro-americanas<sup>31</sup>. A participação entusiástica de mais de 50 nicaraguenses causou verdadeira agitação. Igualmente sem precedentes foi a presença de quatro representantes da Federação de Mulheres Cubanas, uma organização que relutara em identificar-se ideologicamente com a causa feminista. O próprio interesse das cubanas em participar indicava seu reconhecimento do feminismo como uma força na América Latina que não podia mais ser ignorada pelas forças progressistas e/ou revolucionárias.

As participantes estavam comprometidas com todos os tipos concebíveis de ativismo feminista - político, cultural e educacional. Havia mulheres trabalhando para o Estado, em comissões ou ministérios recém-criados sobre a condição da mulher; "mulheres de partido", que podiam ou não se considerar feministas; sindicalistas (tanto urbanas quanto rurais); e, claro, as

<sup>31</sup> Sobre o desenvolvimento do feminismo revolucionário na Nicarágua Sandinista, ver CHINCHILLA, Norma Stoltz, *Revolutionary Popular Feminism in Nicaragua*, articulating class, gender, and national sovereignty *Gender and Society* 3 (4), setembro 1990, p. 370-97; MOLINEUX, Maxine. *Mobilization Without Emancipation? Women's interests, State and revolution* In: FAGEN, Richard, DEERE, Carmen Diana e CORAGGIO, José Juis (ed.), *Transition and Development problems of Third World socialism* Nova Iorque: Monthly Review Press/Centro de Estudos das Américas, 1986, p. 280-302; e *The Politics of Abortion in Nicaragua: revolutionary pragmatism or feminism in the realm of necessity?* *Feminist Review* 29, primavera 1988, p. 114-32.

<sup>32</sup> Por exemplo, alguns dos grupos representados incluíam clubes de mulheres, associações de donas-de-casa, *ollas comunes*, comedoras populares, *damnificadas* da cidade do México e organizações de camponesas. *Ollas comunes* e *comedoras populares* são estratégias de sobrevivência criadas por faveladas para proporcionar necessidades básicas a suas comunidades; as *damnificadas* são organizações de mulheres para ajudar às vítimas de desastres naturais, como enchentes ou terremotos.

dos movimentos de mulheres<sup>32</sup>. Também estavam presentes “trabalhadoras culturais” - mulheres que trabalhavam nas artes, incluindo cineastas e *videomakers*, escritoras e poetas. Havia ainda as que trabalhavam com projetos especificamente feministas - grupos de apoio a mulheres agredidas, centros de assistência à saúde e centros de documentação feministas - e, pela primeira vez, um significativo número de ativistas feministas católicas. Desta vez, as lésbicas não apenas participaram do *Encuentro*, mas também realizaram seu próprio *Encuentro* imediatamente antes do de Taxco, com a presença de 250 mulheres.

Seguindo o exemplo brasileiro de assegurar fundos de fontes externas, a comissão organizadora mexicana ofereceu dezenas de bolsas, possibilitando a participação no *Encuentro*, em grande número, de mulheres pobres e da classe operária do México e de outros países. Entretanto, esteve presente um número menor de negras e índias que no Brasil, e também não se viram judias nem asiáticas latino-americanas. O custo da participação no quarto *Encuentro* - US\$100 - continuava proibitivo para os padrões latino-americanos, tornando difícil até mesmo a participação de mulheres da classe média. Embora questões econômicas não tenham explodido em conflito aberto como em Bertioga, questões de ajuda e acessibilidade econômica foram mais uma vez o foco central das discussões, e destacaram a necessidade de se criar esquemas organizacionais alternativos. Sob esse aspecto, o financiamento dos *Encuentros* continuou sendo um ponto de discórdia.

Como a revolução feminista latino-americana será financiada é um problema enfrentado por organizações feministas em todos os países e em cada *Encuentro*; as mulheres sistematicamente levantaram questões sobre fontes de financiamento apropriadas. Algumas protestaram contra a dependência de verbas externas (como as doadas pela Fundação Ford). Contudo, outras fontes potenciais de ajuda financeira têm sido problemáticas. Por exemplo, a insistência de muito tempo em autonomia absoluta por parte de alguns setores do movimento tem desestimulado até agora as organizadoras a aceitar subsídios de governos nacionais e/ou partidos políticos. Por outro lado, o trabalho de infraestrutura do *Encuentro* não foi modificado de modo a poder reduzir o custo global (isto é, escalas de preços móveis, troca por trabalho, uso de instalações públicas ou governamentais), como sugerido por algumas em Bertioga. Embora a participação nos *Encuentros* tenha aumentado de modo impressionante ao longo dos anos, os encargos financeiros e organizacionais ainda recaem, exclusiva e talvez injustamente, sobre um pequeno grupo de organizadoras no país anfitrião.

Em Bertloga, muitas **latinas** (norte-americanas de origem latina) - e outras simpáticas à posição delas - esperavam que o *Encuentro* do México proporcionasse o fórum ideal para um diálogo há muito devido entre as latinas nos Estados Unidos e suas contrapartes na América Latina. Contudo, havia poucas latinas entre as participantes<sup>33</sup>. Os números reduzidos foram atribuídos em parte ao fato de que a comissão organizadora mexicana só relutante e tardiamente aceitou ser esse diálogo necessário ou mesmo desejável. Estabelecendo a cota de uma centena de participantes "estrangeiras", na qual se incluíam as latinas, as organizadoras na verdade desestimularam muitas *chicanas* e as latino-americanas que viviam no exterior a participar do *Encuentro*. Apesar da maciça participação de latinas nos *Encuentros* desde Lima, e suas repetidas tentativas de levar seus problemas à atenção das feministas latino-americanas, ainda não se consolidaram elos vitais entre os dois movimentos.

Em um tom mais positivo, Taxco proporcionou ampla evidência de que o feminismo latino-americano enfrentava uma nova conjuntura política. O aumento absoluto em números, apesar da inacessibilidade econômica e da distância, assinalou a expansão quantitativa dos movimentos feministas na região. Mais importante, demonstrou que havia ocorrido também melhorias qualitativas. As mulheres testemunharam a maior diversidade das esferas do ativismo feminista, e surgira e se enriquecera um movimento com essa diversidade. As feministas pareciam agora penetrar em todos os caminhos da vida e não eram mais um grupo periférico ou marginal.

Em Taxco, teve-se a impressão de que o feminismo latino-americano realizara por fim o que originalmente se determinara fazer: fomentar um movimento de massa de mulheres. Mas o fizera quase a despeito de si mesmo, e não sem queixas de feministas veteranas (as históricas), que viram seu espaço feminista sendo usurpado pelas integrantes dos movimentos de mulheres. Contudo, o discurso e a prática feministas tinham visivelmente tido um impacto significativo sobre a ampla variedade de movimentos sociais e políticos - de sindicatos a organizações camponesas, desabrigados urbanos e o Estado.

Os próprios movimentos de mulheres haviam-se tornado bastante diversos. Incluídos nesta vasta categoria, por exemplo, estavam grupos de mulheres que se identificavam explicitamente com o feminismo, cujo trabalho em comunidades concentrava-se não apenas em questões relacionadas a gênero - como serviços urbanos que facilitavam o trabalho doméstico das mulheres, e portanto cruciais para as pobres e as da classe operária

<sup>33</sup> Latina é uma "mulher de descendência ou hereditari-idade latino-americana, que reside permanentemente nos EUA". ORTEGA, Eliana e STERNBACH, Nancy Saporta. At the Threshold of the Unnamed latina literary discourse in the eighties In. HORNO-DELGADO, Asunción, ORTEGA, Eliana, SCOTT, Nina M e STERNBACH, Nancy Saporta (ed.), *Breaking Boundaries: latina writing and critical readings* Amherst. University of Massachusetts Press, 1989, p. 2-23, especialmente nº 15. Essa definição foi adaptada da de "chicano", de BRUCE-NOVOA, Juan. In *Chicano Authors: inquiry by interview* Austin: University of Texas Press, 1980, p. 3.

outro tipo, pareciam atingidas pelas idéias e influenciadas pelas ações feministas. Não eram simples “crédulas” da esquerda manipulativa, como algumas históricas afirmavam, e pareciam sinceras ao proclamar-se legítimas defensoras das metas feministas, mesmo quando insistiam na necessidade de ampliar e redefinir essas metas.

### **Taxco como um reflexo dos feminismos hoje**

Apesar de - ou talvez até por causa de - algumas das questões problemáticas que (re)surgiram no quarto *Encuentro*, a maioria das participantes de Taxco reconheceu que alguma coisa diferente, na realidade singular, estava ocorrendo ali: que, de fato, Taxco representava uma transição do pequeno grupo de feministas dedicadas para um grande movimento de amplas bases, politicamente heterogêneo e multirracial. Mas nem todas as participantes em Taxco (sobretudo as históricas) estavam necessariamente satisfeitas com essa transição. Pois dentro da rubrica de um movimento de grande escala, continental, multiclassista, havia mulheres em diferentes estágios do pensamento feminista, e também uma frustração para aquelas que queriam avançar de onde tinham ficado no último *Encuentro*.

As participantes do *Encuentro* reuniram-se na Cidade do México e amontoaram-se numa caravana de ônibus alugados. A caminho de Taxco, pararam numa caverna, La Gruta, para uma cerimônia-surpresa que fora planejada pelo comitê organizador. As reações confusas e radicalmente diferentes a esse ritual de abertura, uma celebração mística do poder (mágico) e cultura das mulheres, não pareceram pressagiar boas coisas. Defensoras do “feminismo cultural”, que invocam a Grande Mãe e festejam as grutas da terra como seu útero, ficaram emocionadas com esse evento. O feminismo cultural só há pouco conquistara aceitação em alguns países latino-americanos. As feministas “socialistas” e “profissionais”, assim como as militantes, ansiosas para irem direto ao trabalho do *Encuentro*, manifestaram consternação diante do inesperado desvio. Finalmente, na cidade de Taxco, as participantes foram distribuídas por cinco hotéis, dos quais os dois maiores foram anfitriões dos eventos principais. Como os eventos se deram nos dois extremos da cidade, pareceu que ocorriam dois *Encuentros* separados, ou paralelos. Além disso, algumas participantes perceberam que as disposições de alojamento refletiam, de modo geral, uma inadvertida segregação, paralela às fronteiras de classes e nacionais, com muitas das históricas concentradas num hotel, enquanto as ativistas dos movimentos de mulheres e as centro-americanas ficavam hospedadas nos outros.

Esses problemas de espaços e estruturais, além de inibirem de fato o diálogo, dificultaram a intenção das organizadoras de favorecer um *Encuentro* baseado numa estratégia de auto-gestão. Uma série muitas vezes confusa de cartazes feitos às pressas, anunciando os *workshops*, era colada nas paredes dos saguões dos hotéis (pelas que conseguiam encontrar, pedir, ou tomar emprestado papel de tamanho apropriado e os pincéis necessários). Um comentário constante era que alguns dos *workshops* eram maravilhosos - quando se conseguia encontrá-los. Ficou claro para a maioria das participantes que a auto-gestão não funcionava bem com 1.500 pessoas, e que as limitações de espaço não podiam nem acomodar nem favorecer a espontaneidade exigida por ela.

Afloraram tensões entre feministas e ativistas dos movimentos de mulheres. Muitas feministas veteranas achavam que a presença de neófitas (ou de mulheres que ainda não se chamavam de feministas) tornava o nível do discurso "demasiado elementar". Manifestavam cansaço ao ter que explicar exemplos feministas básicos e sobretudo ter de ensinar às mulheres como falar sem usar linguagem sexista. Centenas de feministas vinham fazendo esse trabalho diariamente entre mulheres da classe operária há anos e, como disse uma delas: "Precisamos desse *Encuentro* para recarregar nossas baterias". Frequentavam os *Encuentros* para se reabastecer, conseguir recursos para as próximas batalhas feministas dos anos subseqüentes e encontrar outras com as quais partilhar suas opiniões. Cansadas de ter de "reinventar a roda" todas as vezes que uma mulher nova se interessava pelo feminismo, as feministas veteranas desejavam seu próprio *Encuentro*. O que tiveram, segundo os sentimentos de algumas, foi uma "invasão", sobretudo da América Central.

Poucas mulheres da América Central tinham participado dos *Encuentros* anteriores, por causa da distância, da situação de suas economias e das lutas de vida e morte onipresentes na maioria dos países centro-americanos. A maciça presença em Taxco de mulheres de todas as partes desse continente - entre elas combatentes, índias e camponesas - alterou a cor de todo o *Encuentro*, e não apenas porque (ao contrário dos outros eventos do *Encuentro*) os *workshops* sobre mulheres na América Central haviam sido meticulosamente planejados e anunciados<sup>35</sup>. Para as centro-americanas, as questões consideradas essenciais por feministas de outros lugares pareciam menos importantes. As mesmas circunstâncias que haviam impedido as mulheres da América Central de participar dos *Encuentros* anteriores pareciam agora tê-las politizado. Mulheres faziam associações positivas entre sua situação política no país e sua particular no lar, evidenciadas pela observação

<sup>35</sup> Para uma discussão sobre a face interna das lutas revolucionárias e lutas sexuais nas Américas Central e do Sul contemporâneas, ver CHINCHILLA, Norma Stoltz, *Marxism, Feminism, and the Struggle for Democracy in Latin America*. In: ESCOBAR, Arturo e ALVAREZ, Sonia (ed.), *The Making of Contemporary Social Movements in Latin America*. Boulder, Colo : Westview, 1992.

de uma delas: "Eu estava tão farta do regime imposto por meu marido quanto pelo de Somoza". Ao mesmo tempo, afirmações como "É difícil discutir sobre quem vai lavar os pratos quando o companheiro da gente está indo para a guerra", refletiam uma desconfiança no feminismo. Do mesmo modo, isso realçou um dos mais críticos problemas enfrentados pelas feministas latino-americanas: como promover e desenvolver uma crítica mais ideológica, teórica e cultural do patriarcado capitalista, mantendo ao mesmo tempo laços vitais com mulheres pobres e da classe operária que se organizam em torno de lutas pela sobrevivência, ou com revolucionárias mobilizadas em lutas de libertação nacional. Contudo, as veteranas e históricas responderam às centro-americanas e às dos movimentos de mulheres com certa paciência, como revela a observação desta veterana:

"Temos de encontrar um meio de nos organizar e autofinanciar. Acho que precisamos de *Encuentros* bem menores. Há uma história por trás desses *Encuentros*, e não podemos negá-la, nem começar do ponto zero todas as vezes. Na América Latina, os movimentos de mulheres estão crescendo. Estamos chamando isto de um *Encuentro* feminista, e ele se revela um *Encuentro* de mulheres. O movimento feminista não pode permanecer estagnado. Temos de progredir. Nossos *Encuentros* ajudaram a nos revitalizar, e agora não estão mais fazendo isso. Estamos cansadas de ser as '*compañeras agitadoras, activistas*', que têm de explicar porque somos feministas, lésbicas que têm de explicar porque são lésbicas. Estou cansada de me sentir culpada. Na América Latina, precisamos de dois espaços: um para as feministas e outro para os movimentos. Não podemos misturá-los. Bertioiga nos mostrou que se podia misturá-los, mas que também precisamos manter certa ordem. Há dois espaços aqui, e cada um tem de ser respeitado. O problema deste *Encuentro* é que quiseram fazer tudo, um grande e belo evento com a participação de todos os países e, portanto, de todos os problemas. Mas não podemos resolver tudo isso aqui. Não podemos nos sentar e conversar sobre países, quero falar como Maria, não como Equador. Não que eu ache que não é necessário conversar sobre o Equador, mas este *Encuentro* foi criado para se falar de Marla, Cecília, Maria Rosa etc. Cada *Encuentro* nos dá um desses estímulos. Portanto, é hora de repensar os *Encuentros*. Se não temos dinheiro, precisamos de espaços menores. E, claro, temos ainda de continuar a nos encontrar mas (a organização) não deve depender dos trabalhos de só um país, e sim de vários"<sup>36</sup>.

A tensão que surgiu em Taxco refletia a contradição - que vinha surgindo desde Lima - entre o compromisso das feministas latino-americanas com um movimento de base

<sup>36</sup> Discurso de uma veterana num *workshop* intitulado *Visões para o Futuro Quarto Encuentro*, Taxco, outubro de 1987

ampla, multirracial e multiclassista, e sua tácita suposição de que a realidade centro-americana não é de fato "feminista" o bastante, sua frustração com a ausência de discurso feminista dos movimentos de mulheres. Essa tensão foi exacerbada pela falta de um espaço no *Encuentro* para discutir problemas específicos de região ou país.

Para muitas, Taxco representou uma nova conjuntura na política feminista, exigindo novas estratégias políticas. Algumas históricas argumentaram que as feministas deviam abandonar o movimento de mulheres, criar alguma coisa "nova", e deixar essa versão diluída do feminismo aos partidos, sindicatos, governos, manipuladores e às *mujeres*. Outras participantes sustentavam que no futuro deveriam realizar-se dois *Encuentros* - um do movimento feminista, outro dos *movimientos de mujeres*.

As críticas dessas propostas argumentavam que os manipuladores masculinos poderiam absorver ou apropriar-se inteiramente das feministas se estas se retirassem, e que seria impossível estabelecer um critério objetivo para determinar quem é ou não é uma "verdadeira" feminista.

Talvez o exemplo mais extremo de todas as tentativas em Taxco de impor uma posição autoral restrita sobre a "verdadeira" definição de feminismo tenha sido o pequeno grupo de feministas que passou todo o *Encuentro* divorciado dele, numa sala fechada, redigindo uma declaração sobre a situação "do movimento", distribuída na sessão do plenário final. O fato de elas não terem realmente participado do *Encuentro*, mas feito críticas a ele, provocou algumas iras. Em outros casos, algumas históricas argumentaram que só organizar outras mulheres, independentemente do conteúdo do problema, não constituía prática feminista. Insistiram em que as energias do movimento não deviam ser consumidas pelos trabalhos das *mujeres* para proporcionar água corrente ou encanada às mulheres da classe operária, por exemplo. Em vez disso, o feminismo tem de promover uma "cultura de mulheres" alternativa, e cuidar dos problemas que os grupos comunitários e partidos progressistas não vão jamais abordar - como aborto, violência doméstica e liberdade reprodutiva e sexual. Só as mulheres que tornam prioritários esses problemas e preocupações específicos de gênero podem ser consideradas "verdadeiras" feministas, a partir desta perspectiva.

Muitas feministas, tanto da classe média quanto da operária, enfatizaram que a opressão sexual assume formas diferentes entre mulheres de diferentes classes e grupos étnicos/raciais. Sob este ponto de vista, a mobilização por água corrente pode ser vista como uma empreitada feminista, pois as mulheres eram consideradas

socialmente responsáveis pelo cuidado e alimentação de suas famílias, e nas comunidades pobres a falta de serviços básicos impunha mais encargos no trabalho das mulheres. Um esforço de organização comunitária de inspiração feminista, ao contrário dos liderados por forças anti-feministas ou não feministas, promoveria uma consciência crítica entre as mulheres locais, enfatizando como e por que o gênero molda seus trabalhos de organização particular. Feministas negras e índias na América Latina argumentaram que raça, como classe, é constitutiva de consciência e opressão de gênero, e que seus interesses como mulheres não eram idênticos aos das latino-americanas brancas ou mestiças; isto é, que a experiência de gênero **vivida** de uma pessoa abarca as dimensões específicas de raça e/ou classe dela. Por exemplo, indicando a representação da mulata, vendida aos turistas como o símbolo máximo da sensualidade brasileira, as feministas negras do Brasil enfatizaram os meios como o racismo configura a opressão de gênero das negras.

A maioria das mulheres insistiu em que a diversificação de arenas de luta feminista representava um avanço para o movimento. Pareciam estar desenvolvendo um conceito revisado de dupla militância: em vez de levar a linha de seu partido para uma organização feminista, a mulher podia levar a linha feminista para dentro de seu partido, sindicato, organização de bairro, ou para seu trabalho. Esta reformulação da prática feminista, argumentavam, seria mais apropriada numa época de regimes democratizantes e extensa mobilização política popular. Um movimento feminista de base, respondendo às novas democracias, desenvolveria novas críticas, idéias e meios inovadores de "fazer política", assegurando deste modo que as feministas que trabalham nos partidos e no governo permaneçam honestas e responsáveis perante o eleitorado de um movimento. Uma estratégia sugerida impunha questionar, criticar e observar cuidadosa e incansavelmente os "manipuladores". Ao mesmo tempo, elas continuariam a incentivar a consciência feminista entre mulheres de todos os setores sociais, a adiantar-se à cooptação por movimentos, partidos e instituições masculinos, como a suposta mobilização das mulheres no ônibus em Bertioga.

#### *San Bernardo*

Após reunir-se durante quase dois anos, um comitê organizador emitiu um boletim em março de 1990 anunciando que o quinto *Encuentro* ia se realizar em San Bernardo, Argentina, uma cidade balneária recém-criada na costa Atlântica, 400 quilômetros ao sul de Buenos Aires. Começaria a 18 de novembro e terminaria com

uma marcha no centro de Buenos Aires a 25 de novembro, o dia em que as feministas de toda a América Latina tomam as ruas para denunciar a violência contra as mulheres, de acordo com a declaração adotada no *Encuentro* de Bogotá. O tema do quinto *Encuentro*, O Feminismo como um Movimento Transformacional: Avaliação e Perspectivas na América Latina, foi escolhido de propósito para comemorar “quase uma década de *Encuentros* históricos, que nos permitiram acompanhar, passo a passo, o desenvolvimento e o crescimento do feminismo em nossos países”. As organizadoras também reservaram um tempo para uma reflexão coletiva sobre os obstáculos, conquistas ou descobertas dos feminismos da América Latina e do Caribe na última década. Convidaram participantes a escrever trabalhos ou preparar-se para discutir temas como feminismo e os movimentos de mulheres, feminismo e o Estado, política pública e partidos políticos, sexualidade e violência contra mulheres. À medida que se aproximava o *Encuentro*, as organizadoras receberam bastantes respostas de participantes potenciais propondo sessões de debate matinais e *talleres* à tarde, centrados em quatro subtemas: a construção de identidades coletivas e valores conflitantes; variantes organizacionais e espaços de desenvolvimento; relações entre feminismo e outras áreas sociais; e propostas, perspectivas e estratégias políticas. Cada um destes ocuparia um dia e as conclusões seriam lidas num plenário.

Apesar da difícil situação política e da desastrosa crise econômica na Argentina, um grupo de 32 mulheres de diferentes cidades argentinas e da capital do Uruguai, Montevideú, organizou o quinto *Encuentro* e obteve uma ajuda financeira sem precedentes - um total de US\$ 280.000<sup>37</sup>. Escolheu-se San Bernardo como o local do *Encuentro* porque tinha um grande hotel com 800 quartos, inúmeras áreas de convenções e instalações de alimentação para 1.600 pessoas. Infelizmente, em julho, quando as organizadoras iam assinar o contrato com o sindicato peronista proprietário do hotel, souberam que a inflação resultara num aumento de US\$10 por pessoa. Sem condições de bancar o novo preço, e já tendo pago antecipadamente vários outros hotéis, as organizadoras decidiram ficar em San Bernardo e, se necessário, instalar o excedente na cidade próxima - uma decisão que acabou prejudicando o espaço para reuniões e *workshops*.

A coordenação começou a se perder logo no primeiro dia, quando o sistema de computador entrou em colapso e 2.500 a 3.000 mulheres, a maioria das quais não se registrara com antecedência, tiveram de ser inscritas a mão. Numa operação que exigiu muita boa vontade das viajantes e extenuantes esforços das

<sup>37</sup> O problema de financiar o *Encuentro* numa época de profunda crise econômica, incluindo as questões de financiamento alternativo e o uso de instalações públicas, era essencial para todos os comitês organizadores. Após um debate acalorado, o grupo argentino decidiu renunciar à ajuda governamental (embora a tenha recebido da agência governamental holandesa) e buscar financiamento externo. Elas receberam verbas de várias fundações, entre elas o Fundo Global para Mulheres, a Fundação Ford, o Conselho Mundial de Igrejas, Match e Cida-Canadá e Aktionsgemeinschaft Solidarische. Os fundos possibilitaram às organizadoras cobrir 60% dos custos do *Encuentro* e subsidiar a participação. As argentinas e uruguaias pagaram 25% do custo real e mulheres de outros países latino-americanos e caribenhos, 50%. Mulheres do Primeiro Mundo pagaram US\$100

organizadoras, as participantes acabaram sendo instaladas em 21 hotéis situados em San Bernardo e Mar de Ajó, uma área abrangendo aproximadamente 40 quarteirões. As participantes vinham de 38 países, entre eles Haiti, Etiópia, Turquia e, mais uma vez, Cuba. O maior grupo individual era composto de 650 brasileiras, muitas das quais viajaram de ônibus. Embora as mexicanas também fossem numerosas, cerca de 300, a representação centro-americana desta vez foi relativamente pequena; em contraste, havia um número extraordinariamente grande de espanholas.

Na primeira noite, as participantes descobriram-se festejando a Inauguração do *Encuentro* no meio da praça central, divididas por países como se fossem delegações de um congresso político. Foram cercadas pelos atônitos sanbernadinos que, como iriam fazer durante o resto da semana, não tiravam os olhos da famosa exuberância das brasileiras, das manifestações desinibidas entre muitas mulheres e das *performances* no palco provisório.

Todos os problemas relativos a controle de multidão pareceram surgir de uma só vez. As participantes passaram os quatro dias seguintes, incluindo um muito tempestuoso, em pé numa fila, esperando a vez de comer num salão de ginástica cavernoso e barulhento, vagando à procura de amigas, buscando uma solução para a falta de creches, adquirindo informações sobre os supostos ônibus grátis que faziam o percurso entre as duas cidades, e a maioria muitas vezes procurando galerias comerciais, cafeterias, restaurantes, salas de cinema e mesmo calçadas onde se programara a realização de *workshops*. Apesar dos pedidos de desculpa das organizadoras, sua determinação em proporcionar esses espaços e seus trabalhos para melhorar a situação - publicavam até mesmo uma programação diária dos eventos - não conseguiram superar a frustração de todas. No segundo dia, o quinto *Encuentro* transformara-se em *El Encuentro del Des/Encuentro*<sup>38</sup> ou *El Encuentro de la Búsqueda* (o Encontro da Busca).

Contudo, após se queixarem amargamente do caos predominante, as participantes decidiram aproveitar o que podiam. Ignorando as distâncias, cortes de luz causados por tempestade, *workshops* fechados ou falta de salas de reunião disponíveis, freqüentavam amplamente anunciadas e espontâneas sessões de vídeo e cinema, *performances* (entre elas uma reprise da missa feminista criada, composta e apresentada por um grupo de feministas do Rio de Janeiro) e festas na praia em homenagem à mãe Terra. Conseguiram encontrar espaço para ouvir os trabalhos formais e realizar novos *workshops* e sessões de debates sobre temas como: O Aniversário dos

<sup>38</sup> O nome em espanhol, como em português, é profundamente irônico. Transmite a idéia de que, embora um *Encuentro* seja um lugar onde encontrar pessoas e reunir-se, San Bernardo era na verdade um *Encuentro* em que as pessoas se perdiam umas das outras.

Quinhentos Anos, Feminismo e Socialismo, Mulheres e AIDS, Teologia Feminista, Pornografia, O Meio Ambiente e muitos outros. Em dois dias consecutivos, o número de *workshops* passou de oito.

Num desses encontros, índias reunidas em separado para discutir a comemoração da chamada descoberta de 1492 manifestaram seu repúdio ao aniversário e propuseram que 11 de outubro fosse declarado o Dia das Mulheres Indígenas. Trinta e oito jornalistas da grande mídia e de publicações alternativas assistiram a um *workshop* em que discutiram sua profissão e relacionamento com os movimentos de mulheres e o feminismo. As questões das lésbicas foram assunto de pelo menos quatro sessões bastante concorridas, cujos temas incluíam homofobia entre feministas e o plano de um *Encuentro* de lésbicas latino-americanas e caribenhas no futuro próximo. Duas organizações de direitos humanos - Familiares de Desaparecidos y Prisioneros por Razones Políticas, e Madres de la Plaza de Mayo - Línea Fundadora - patrocinaram apresentações de vídeo e discussões dos abusos dos direitos humanos na Argentina. Também buscaram ajuda dos participantes para suas campanhas contra o perdão aos militares pelas atrocidades cometidas nas décadas de 70 e 80.

Em vários casos, os *talleres* resultaram na criação de novas organizações. Um grupo de negras reunido em separado formou uma rede chamada Red de Mujeres Negras de Latinoamérica y el Caribe, e combinou voltar a reunir-se para organizar um *Encuentro* no Uruguai em 1992. Cerca de 40 entidades de saúde mental fundaram uma rede cujas atividades iam ser publicadas pela ISIS Internacional. Após realizar vários encontros, um grande grupo de mulheres - algumas feministas e outras pertencentes a movimentos de mulheres - organizou a Comissão de Coordenação da Mobilização em Apoio ao Direito de Fazer Aborto. Redigiram um documento afirmando que o direito de fazer um "aborto legal e o direito ao acesso de contraceptivos seguros e eficientes são direitos humanos, independentemente de nossas condições sociais e econômicas, nossa origem étnica, nossa religião ou o país ao qual pertencemos. Os Estados têm de assegurar esses direitos". Também pediu a criação de comissões nacionais sobre o aborto e a participação de mulheres de toda a região na campanha para legalizar o aborto, e declarou 28 de setembro o dia da comemoração da causa dos direitos ao aborto na América Latina e Caribe (data escolhida em homenagem à lei brasileira de 1871, que declarava livres todos os filhos nascidos de mãe escrava).

A presença em San Bernardo de legisladoras do Uruguai, Argentina e de tão longe, no norte, quanto a Venezuela, ressaltou a importância adquirida pelo

feminismo da América Latina e Caribe; e demonstrou ainda que as mulheres engajadas na política do *establishment* agora também encaravam um *Encuentro* como um lugar para se reunir. Embora muitas jamais houvessem tido contato com feministas antes de sua viagem a San Bernardo - e várias só permanecessem algumas horas - sua participação num *taller* tornou-se um acontecimento importante. Um dos resultados de suas discussões foi a criação de uma rede para patrocinar um encontro no Brasil para mulheres na política.

Redes estabelecidas usaram o *Encuentro* para reunir-se pela primeira vez - com exceção, claro, das escritoras da *mujer/fempres*, a imprensa feminista alternativa fundada em 1981, que se reuniu em todos os *Encuentros* desde Lima. Católicas por el Derecho a Decidir (um ramo latino-americano recente das Catholics for Free Choice) realizaram um encontro aberto para explicar suas atividades e publicar seus livros, coletivamente produzidos, analisando o aborto segundo a perspectiva das católicas latino-americanas<sup>39</sup>. A Rede de Violência Doméstica do Cone Sul também patrocinou quatro encontros, e decidiu ampliar sua estrutura e âmbito para se tornar a Rede Latino-Americana e Caribenha contra a Violência Doméstica e Sexual, a ser coordenada pela ISIS Internacional. As latino-americanas membros do DAWN (Desenvolvimentos Alternativos para Mulheres no Novo Amanhecer) patrocinaram um *workshop* de três dias sobre El Femenismo de los 90s: Desafíos y Propuestas, com a participação de cerca de uma centena de mulheres. A discussão baseou-se em tópicos combinados em dois encontros anteriores do DAWN, e resultaram em um documento que foi provavelmente a única tentativa real de avaliar o feminismo latino-americano e caribenho durante o quinto *Encuentro*.

O documento do DAWN começava informando o crescimento rápido e visível do feminismo ao longo dos dez anos passados:

(Embora o feminismo) não tenha encontrado sempre saídas suaves para sua manifestação, que tem sido mais quantitativa que qualitativa; e tenha, às vezes, diluído nosso caráter subversivo pelo desvio para outros movimentos e desafios, o que no momento faz surgir problemas de democracia interna, de liderança, de estruturas dentro do movimento, de criação de novo conhecimento, de melhoria dos canais de comunicação, de projeção no futuro, tudo isso nos desafia a repensar nosso movimento a fim de transformar riqueza quantitativa em vitalidade e qualidade políticas. De acordo com isso, ao entrarmos na década de 90, o movimento precisa recapturar parte de sua centelha original e desenvolver ações que nos permitam modelar nossas propostas diante

<sup>39</sup> Ver PORTUGAL, Ana Maria (ed.), *Mujer e Iglesia: sexualidad y aborto en América Latina*. Washington, D C.: Catholics for Free Choice, 1987

<sup>40</sup> DAWN El Femenismo de los 90: Desafíos e Propuestas. *Mujer/fempress* 111, janeiro 1991, p. 4. As autoras definem o movimento feminista como um movimento social que precisa transformar-se num movimento político, comprometido com a democracia e a diversidade. Embora não expliquem como se deve realizar isso, elas discutem duas questões importantes para o movimento: a relutância das feministas em tratar com a liderança e o financiamento que algumas mulheres recebem de centros de pesquisa.

<sup>41</sup> Quanto a este ponto, é impossível tirar conclusões sobre o pequeno número de históricas presentes no quinto *Encuentro*, hesitaríamos em concluir nesta data se sua ausência era significativa ou uma coincidência

das novas demandas e necessidades de nossos países e nosso continente; diretivas que nos ajudarão a consolidar um movimento feminista democrático, eficaz, eficiente, estimulante e ousado, no qual todas nós nos sentimos expressas<sup>40</sup>.

O *Encuentro* terminou com ardentes declarações de fé feminista e cerca de 5.000 mulheres marcharam pelas ruas de Buenos Aires no último dia. Contudo, organizacionalmente, da perspectiva de uma histórica - das quais havia um número visivelmente menor - o quinto *Encuentro* foi um desastre<sup>41</sup>. Primeiro, não houve nenhum respeito nem compromisso com a promessa há muito feita de se reunirem no Chile assim que terminasse a ditadura de Pinochet. Nos *Encuentros* anteriores, a admiração generalizada das históricas pelas ações corajosas das chilenas em geral e das feministas chilenas em particular as levou a favorecer o Chile como o local de um futuro *Encuentro*. Mas em San Bernardo, quando o Chile foi proposto e descartado explicitamente como o próximo local em favor de Cuba, muitas históricas viveram um momento doloroso, pois o compromisso que haviam partilhado em 1981, no primeiro *Encuentro*, tinha pouco curso com o impulso de um movimento que agora parecia dominado pelos movimentos de mulheres. Entretanto, Cuba também foi descartada, depois que uma participante cubana disse que seria impossível realizar o *Encuentro* lá; a escolha final foi "algum lugar na América Central".

Foi irônico que a escolha da América Central, onde o feminismo só recentemente re-emergira, fosse sentida como uma decepção por muitas feministas históricas, quando na verdade isso também era uma medida do crescimento e vitalidade do movimento. Além disso, realizar o *Encuentro* na América Central iria com certeza fortalecer o movimento, como tinha acontecido em outros lugares. Também foi irônico que, enquanto San Bernardo comprovava a existência de inúmeras redes na região, e sua necessidade de realizar reuniões especializadas, as próprias feministas se vissem como mais um eleitorado de grupos livres para se encontrar separadamente. Por isso, embora as feministas históricas fossem sem dúvida participar do sexto *Encuentro*, junto com as outras redes, iriam também com certeza reunir-se sozinhas - provavelmente no Chile - para discutir desafios e elaborar propostas para o feminismo dos anos 90.

San Bernardo foi inequivocamente a culminação de um processo que começara em 1981, em Bogotá, e que não é mais viável nas condições dos anos 90. Ninguém negaria que os movimentos de hoje diferem radicalmente daquele do pequeno grupo de mulheres que se reuniu em

Bogotá dez anos atrás. Hoje, cabe às feministas latino-americanas e caribenhas a tarefa de elaborar as estruturas adequadas para a articulação de um movimento sempre maior e sempre mais diverso, de verdadeiras proporções continentais.

## Conclusão

Os debates ideológicos e estratégicos característicos dos feminismos latino-americanos contemporâneos têm girado em torno de dois eixos centrais: a relação entre feminismo e a luta revolucionária por justiça, e a relação entre o que era um movimento feminista predominantemente de classe média e os crescentes movimentos de mulheres de base popular. Como demonstraram os cinco *Encuentros*, esses debates foram repetidas vezes retomados e estão longe de ser resolvidos.

Mas a polarização política e ideológica não impediu o crescimento dos feminismos latino-americanos. Ao contrário, o feminismo latino-americano hoje é política e socialmente um movimento heterogêneo, composto de mulheres que se identificam com o feminismo, mas que conservam um compromisso resolutivo com a justiça sócio-econômica e o fortalecimento popular. Numa suposta era "pós-feminina", o feminismo latino-americano é claramente uma força política poderosa, vibrante, energética, criativa e exuberante, embora ainda repleto de tensões. Mulheres de todos os setores sociais, e com trajetórias pessoais e políticas de amplo alcance, agora reclamam para si o movimento. A nova visibilidade e legitimidade do movimento permitiram às feministas em muitos países proclamar, com orgulho, uma identidade política distintiva. Essa identidade por sua vez revestiu-as de poder para causar impacto na política pública, em organizações políticas e sociais, e na teoria revolucionária, de um modo inimaginável quando as feministas se reuniram pela primeira vez em Bogotá. Mesmo as feministas chilenas, enfrentando uma das ditaduras militares mais abomináveis do continente, continuaram destemidas e foram fortalecidas por um movimento florescente de mulheres que se tornava cada vez mais feminista.

Embora alguns debates não tenham sido resolvidos, muitos estão atualmente sendo reformulados. É o caso do interminável conflito estratégico sobre a dupla militância. Em Bogotá, o debate girou sobre a participação nos partidos políticos *versus* organizações feministas, mas hoje muitas feministas descobrem que dividem suas energias entre seu ativismo em grupos feministas e nos crescentes movimentos de mulheres. O movimento feminista e os movimentos de mulheres, embora demasiadas

<sup>42</sup> Correspondência pessoal de Norma Stoltz Chinchilla para Sonia Alvarez, 21/08/1990.

vezes percebidos como diametralmente opostos, têm-se, no Chile e em outros lugares, reforçado, fortalecido e apolado um ao outro. Na América Central, essa interação levou a Assembléia Permanente para a Paz das Mulheres "a começar a articular uma campanha agressiva por uma perspectiva explicitamente feminista"<sup>42</sup>. Na Argentina, desde 1990, a campanha de legalização do aborto era liderada por um comitê formado por feministas e mulheres pertencentes aos movimentos de mulheres. Também na Argentina, membros do grupo pelos direitos humanos, Madres de la Plaza de Mayo - Línea Fundadora, participaram de *Encuentros* nacionais e muitas vezes coordenaram ações específicas com um grupo feminista em particular, Asociación de Trabajo y Estudios de la Mujer, 25 de Noviembre (ATEM 25 de Noviembre).

Contudo, como as mulheres ficaram sabendo no caso de Taxco, o apoio mútuo entre veteranas e movimentos de mulheres só se solidificaria se a agenda feminista pudesse ser ampliada para incluir as preocupações relativas às mulheres das classes populares. Incorporar as exigências de um movimento de mulheres cada vez mais feminista em favor da construção de um projeto feminista transformacional mais inclusivo, com consciência racial e de classe, é o maior desafio enfrentado pelos feminismos da América Latina e Caribe na década de 90.

Embora as tensões entre militantes e feministas continuem em evidência, estão basicamente em segundo plano. Muitas mulheres de ambos os grupos insistem hoje em que têm de se organizar em torno de questões de classe e raça, na medida em que estas norteiam o modo como se manifesta a opressão de gênero nas vidas das mulheres das diversas classes e grupos étnicos/raciais. E agora muitas reconhecem que a participação em instituições, partidos e sindicatos dominados pelo homem não é intrinsecamente anti-ética em relação à prática política feminista - que as ativistas feministas comprometidas com a mudança radical têm de lutar pela igualdade sexual numa ampla variedade de contextos.

Ao contrário da crença de muitas feministas norte-americanas, o feminismo latino-americano e caribenho prospera. Não só isso, mas os feminismos latino-americanos contêm lições para as feministas dos países industrializados. Nós, feministas norte-americanas e européias ocidentais, poderíamos revitalizar nossos próprios movimentos se canalizássemos as enormes energias criativas personificadas em nossos próprios movimentos de mulheres. A atual vitalidade dos feminismos do Terceiro Mundo dentro do mundo industrial é indicativo desse potencial. Políticas econômicas recessivas e governos

de direlta no "Primeiro Mundo" também criaram condições maduras para a mobilização de mulheres pobres, da classe operária e de cor; veja-se, por exemplo, a recente expansão de esforços organizacionais sobre direitos assistenciais e creches públicas. Assim como o feminismo norte-americano ou europeu proporcionou percepções cruciais para a segunda onda de feminismo na América Latina, talvez agora os feminismos latino-americanos possam enriquecer e inspirar nossos próprios movimentos.

### **Epílogo (março de 1994)**

A despeito de algumas negociações, não houve encontro exclusivo de feministas, no Chile ou em qualquer outro país. O VI Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe aconteceu entre 30 de outubro e 4 de novembro de 1993, na Costa do Sol, um balneário a 60 km de São Salvador. A escolha de local e data para sua realização, assim como a composição do comitê organizador, foram decididas em um encontro de mulheres centro-americanas ocorrido na Nicarágua, em março do ano anterior.

Em seu empenho por limitar o número de assistentes, o comitê estabeleceu cotas por países; uma decisão pragmática que, como atestou *fempres*, foi criticada por falta de espírito feminista. De qualquer forma, somente cerca de 1.300 mulheres chegaram à formosa costa do Pacífico salvadorenho para discutir o tema central do encontro: Compartilhando as propostas feministas; reconhecendo os avanços; discutindo os Impasses; transcendendo os limites. Divididas entre três grandes hotéis e 16 residências, tiveram a oportunidade de acompanhar *workshops* (cerca de 140), fóruns, mesas-redondas, vídeos, sessões de *tai-chi-chuan* e festas em um único local, rodeadas de palmeiras e à beira-mar.

A beleza do cenário não conseguiu, porém, diminuir a tensão costumeira com os debates sobre velhos temas - novos ainda para muitas participantes -, sendo que desta vez as discordâncias foram mais agudas. Um novo assunto tratado foi a possibilidade da participação do movimento de mulheres e do feminismo latino-americano na conferência de Beijing em 1995, com financiamento da AID. No último dia, como de costume, puseram-se de lado as diferenças e aplaudiu-se a nomeação de Gina Vargas entre as organizadoras dessa conferência; depois de vivas ao feminismo e aplausos às centro-americanas, elegeram-se o Chile como sede do VII Encontro.

Houve consenso para o fato de que o encontro constituiu um triunfo para as mulheres centro-americanas

e sobretudo as salvadorenhas. Em um país recém saído de uma guerra civil prolongada e sangrenta e onde a violência ainda atingia a população, as mulheres tiveram de enfrentar uma campanha da direita que não se restringiu a artigos na imprensa afirmando que todas as feministas são lésbicas, comunistas e pertencentes à FMLN, mas incluiu ameaças de morte. Não satisfeito com isso, o governo impediu a entrada de mulheres cubanas no país; no primeiro dia do encontro, à medida que aterrissavam os aviões, umas cem participantes foram detidas no aeroporto de São Salvador durante oito horas. Como não lhes foi negado o uso do telefone, elas contataram autoridades de vários países, imprensa e organismos internacionais. Sua ação assegurou a realização do Encontro, sob a proteção das forças de paz das Nações Unidas.

TRADUÇÃO DE MARCOS SANTARRITA

Há mais de 10 anos a revista *Novos Estudos* vem publicando importantes ensaios em quase todas as áreas de humanidades, ajudando a promover o debate cultural e teórico em torno de importantes temas nacionais e internacionais. Com frequência apresentamos colaborações de autores estrangeiros, possibilitando aos leitores interessados o acompanhamento da produção internacional; promovemos debates sobre temas atuais, que são transcritos integralmente na revista; contamos com uma seção de resenhas de livros; e publicamos poemas e contos inéditos. Colaboram regularmente em nossa publicação escritores da dimensão de Adam Przeworski, Albert Hirschman,

Alfredo Bosi, Antonio Candido, Boris Fausto, Celso Furtado, Davi Arrigucci Jr., Elza Berquó, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Novaes, Francisco de Oliveira, Fredric Jameson, Guillermo O'Donnell, José Arthur Giannotti, José Paulo Paes, José Serra, Jürgen Habermas, Lévi-Strauss, Luiz Carlos Bresser Pereira, Luiz Felipe de Alencastro, Luiz Gonzaga Belluzzo, Maria da Conceição Tavares, Norberto Bobbio, Paul Singer, Paulo Arantes, Perry Anderson, Roberto Schwarz, Ruth C.L. Cardoso e Vilmar Faria. Dessa forma temos nos esforçado para manter o alto nível de nossos artigos, bem como para fazer uma revista instigante, com real incidência sobre o debate político-cultural.

# Novos Estudos

**GEBRAP**

## ASSINATURA

(três números)

Nacional (sujeito a revisão)	R\$ 21,60
Internacional	US\$ 40,00
Internacional (instituições)	US\$ 60,00

Envie o cupom abaixo com cheque nominal para:

Revista *Novos Estudos*

Editora Brasileira de Ciências

Rua Morgado de Mateus, 615 — CEP 04015-902 — São Paulo — SP

Tel. (011) 574-0399 Fax (011) 574-5928

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_